



Faculdade de Teologia Integrada

Conexão Teológica

Ano 01, Volume 02, 2016



Desafios Teológicos

Revista semestral do programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões e
Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia Integrada

CONEXÃO TEOLÓGICA

Revista Semestral do programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões e Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia Integrada.

Ano 01, Volume 2, 2016.

ORGANIZAÇÃO

Gerson Francisco de Arruda Júnior

Hildeberto Alves da Silva Júnior

José Roberto de Souza

Stefano dos Santos Alves

FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA

Direção Geral: Rosely Pereira Pontes de Oliveira

Superintendente: Gerli Gomes Alves da Silva

Diretor Acadêmico: Antônio Rêgo Barros

Diretor Administrativo: Hildeberto Alves da Silva

Coordenação Acadêmica e Tecnologia da Informação: Hilgerly Gomes Alves da Silva

Coordenador do Curso Teologia: Gerson Francisco de Arruda Júnior

Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão: Gerson Francisco de Arruda Júnior

Coordenador de Extensão e Relações Institucionais: Hildeberto Júnior

Coordenador de Marketing: Thalyson Pinheiro

Coordenadora de Comunicação e eventos: Christiane Joyce

Secretária Geral: Juracy Gomes Pereira

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

BR 101 Km 42,5, CEP: 53.640-900 Centro - Igarassu/PE

www.fatin.com.br

secretaria@fatin.com.br

Telefones: 81 35433259 81 3342 2053

Sede: Igarassu-PE

EXPEDIENTE

EDITORES

Gerson Francisco de Arruda Júnior
Hildeberto Alves da Silva Júnior
José Roberto de Souza
Stefano dos Santos Alves

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Augustos (Universidade Lusófona de Tecnologia e Humanidades)
Fernando Saramago (Universidade Fernando Pessoa)
Gerson Francisco de Arruda Júnior (UNICAP / FATIN)
Hildeberto Alves da Silva Júnior (FATIN)
José Roberto de Souza (FATIN)
Leopoldo Briones (PUC-Chile)
Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida (UFRPE)
Stefano dos Santos Alves (FATIN/MACKENZIE)

COMITÊ CIENTÍFICO

Christiane Joyce Rocha de Moraes
Gerson Francisco de Arruda Júnior
Stefano dos Santos Alves
Rosely Pereira Pontes de Oliveira

ACESSÓRIA TÉCNICA/EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E DIAGRAMAÇÃO

Hilgerly Gomes Alves da Silva

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Roberval Felix da Silva

APRESENTAÇÃO

Apresentamos aos nossos leitores mais um número da revista *Conexão Teológica*. Nele mantemos aquela que talvez seja a marca distintiva da inserção desta revista no mundo da produção acadêmica teológica brasileira: a sua forte interdisciplinaridade.

Esse é precisamente o espírito que orienta os artigos aqui presentes neste segundo volume de 2016. Os temas neles tratados podem ser agrupados em 4 grandes áreas: *Aconselhamento, Educação, eclesiologia e Teologia*.

A revista é composta por quatro artigos. No primeiro artigo, intitulado "Aconselhamento Cristão: Promovendo Mudanças nas Vidas de Adolescentes e Jovens", os autores destacam o papel do aconselhamento bíblico no desenvolvimento e crescimento dos jovens e adolescentes.

No segundo artigo, intitulado "Didática Alternativa na Catequese: O Turismo Pedagógico no Âmbito Eclesial", os autores propõem uma certa relação entre educação e espiritualidade, apontando uma alternativa didática para o ensino eclesial.

No terceiro artigo, o rev. Fúlvio Leite nos apresenta uma análise da Adoração Emergente à luz dos pressupostos admitidos pela Teologia Reformada.

Por fim, o quarto artigo, intitulado "O Puritanismo e o *Sola Scriptura*", os autores discorrem sobre o movimento puritano e o apreço dado por esse movimento ao *Sola Scriptura* da Reforma Protestante

Assim, com este segundo volume, desejamos que o crescimento teológico seja adquirido e acrescentado àqueles que lerão os artigos da revista *Conexão Teológica*. E que este conhecimento teológico não seja um fim em si mesmo, mas que ele nos conduza à adoração do Deus que nos criou por sua palavra para louvor de sua glória.

Soli Deo gloria.

Prof. Gerson F. de A. Júnior

SUMÁRIO

Aconselhamento Cristão: Promovendo Mudanças nas Vidas de Adolescentes e Jovens <i>Domitila Severina da Silva e Silva e Reinaldo Ferreira da Cruz</i>	06
Didática Alternativa na Catequese: O Turismo Pedagógico no Âmbito Eclesial <i>Juliana Gomes Das Oliveiras e Antonio Ferreira Rosa Júnior</i>	42
Adoração Emergente: Uma Análise à Luz da Teologia Reformada <i>Fúlvio Anderson Pereira Leite</i>	49
O Puritanismo e o <i>Sola Scriptura</i> <i>Anderson de Assunção Ferreira e Gerson Francisco de Arruda Júnior</i>	60

Aconselhamento Cristão: Promovendo Mudanças nas Vidas de Adolescentes e Jovens

*Domitila Severina da Silva e Silva¹
Reinaldo Ferreira da Cruz²*

Resumo

O presente artigo apresenta conceitos relativos ao Aconselhamento Cristão e sua importância quando desenvolvido dentro das igrejas. Missão executada por conselheiros que na maioria das vezes têm que suprir uma lacuna ou caminhar ao lado do membro ou de sua família, principalmente no trabalho preventivo junto aos adolescentes e jovens. Desempenhando um papel fundamental, ao intervir, ao ajudá-los a conhecer a si e reconhecer suas limitações, suas possibilidades e projeções futuras. Levando-os a identificar seu potencial e particularidades, de uma forma aceitável para si próprio e favorável para a família e sociedade. Enfatizando que se esse trabalho for desenvolvido de forma responsável e ética pode resultar em mudanças no padrão de comportamento, pois um bom trabalho de aconselhamento resgata áreas da vida de jovens e adolescentes que naufragaram nas tempestades do dia-a-dia e se manifestam em ansiedade, culpa, depressão, falta de maturidade, ingresso no mundo das drogas, homossexualismo, etc. É um trabalho de ajuda, em que pastores (as) e pessoas leigas que se dispõem a este serviço, servem como facilitadores de crescimento, transformando o clima interpessoal de uma congregação, e fazendo com que a igreja seja um lugar em constante crescimento. A necessidade do aconselhamento é fomentada nas pessoas durante toda a vida, aproximando-as cada vez mais de Deus.

Palavras-chave: Aconselhamento; Aconselhamento Cristão; Ética; Ética Profissional.

Introdução

Nas Escrituras Sagradas Deus nos apresenta os Dons de Cristo, para que os conhecendo tenhamos uma estabilidade e crescimento um harmonioso. Deus nos quer perfeitos, Ele tem propósito de unidade e de fé, de crescimento e desenvolvimento de seus filhos à estatura de Cristo, o varão perfeito. O aconselhamento tem como premissa participar desta integração de Deus com o homem e o mundo do seu tempo. E para que haja o aconselhamento se faz necessário o papel dos conselheiros. Esses homens e mulheres são anjos que tem o chamado especial de Deus. São cristãos que tem a responsabilidade de prover força necessária para que outros cristãos se mantenham firmes alicerçados na Palavra de Deus. Isso não ocorre apenas nos tempos atuais, como encontramos no livro de Efésios,

¹ Pedagoga, graduada pela Universidade de Pernambuco; Mestra em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância pela UFRPE. Possui experiência como Pedagoga Militar da Força Aérea Brasileira; Professora Formadora da Universidade de Pernambuco; Secretária Acadêmica em duas IES; Coordenadora de EAD da Secretaria Executiva de Educação Profissional de PE; Tutora de EAD do Curso de Especialização em Gestão Pública do IFPE e do Curso de Pedagogia da UFRPE; Pedagoga na Secretaria de Educação de Pernambuco de Igarassu e atualmente Gestora das Escolas Técnicas Estaduais de Pernambuco e Professora na Faculdade de Teologia Integrada. E-mail: domitilla.ead@gmail.com

² Bacharel em Administração e Teologia; Mestre em Teologia; Bombeiro Militar do Estado Pernambuco; Tutor do Curso Técnico em Segurança do Trabalho da Secretaria Executiva de Educação Profissional de Pernambuco. E-mail: reinaldotutored@gmail.com

escrito entre 60-63 d.C, o apóstolo Paulo através de suas palavras busca fortalecer o conselheiro para que ele possa cumprir a vontade de Deus.

O que quer dizer “ele subiu”? Quer dizer que ele também desceu até os lugares mais baixos da terra, isto é, até o mundo dos mortos. Assim, quem desceu é o mesmo que subiu, acima e além dos céus, para encher todo o Universo com a sua presença. Foi ele quem “deu dons às pessoas”. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja. Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo. Desse modo todos nós chegaremos a ser um na nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo. Então não seremos mais como crianças, arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas. Essas pessoas inventam mentiras e, por meio delas, levam outros para caminhos errados. Pelo contrário, falando a verdade com espírito de amor, crescamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. É ele quem faz com que o corpo todo fique bem ajustado e todas as partes fiquem ligadas entre si por meio da união de todas elas. E, assim, cada parte funciona bem, e o corpo todo cresce e se desenvolve por meio do amor. (EFÉSIOS, 4:9 a 16).

Essas pessoas maduras, capazes de ajudar as pessoas a trilharem por caminhos acertados, são os conselheiros. São os anjos de Deus na terra, que em sua maioria são os pastores ou pastoras da igreja. São eles ou elas quem conduzem as ovelhas ao aprisco, fazem-nas entrar e sair, protegendo-as de ataques das feras durante todo tempo. Impedindo-as de não caírem em armadilhas montadas por caçadores. O próprio Jesus diz isso de sua função, como sumo pastor, por meio de suas palavras registradas pelo Evangelho de João:10; 10-14. Nesse sentido o pastor é um cuidador por excelência, cuja missão desenvolve-se na perspectiva do cuidado, do aconselhamento ao próximo. Missão que faz por amor, por ter o dom recebido do altíssimo; portanto, distante de um simples exercer mercenário, o qual é pago para realizar uma função sem qualquer perspectiva de cuidado. Ser conselheiro é exercer esse trabalho ou assumir a missão de zelar. Requer dos que escolhem exercer essa tão nobre missão, paciência e perspicácia na busca de fatos do passado, que em sua maioria estão guardados no fundo da memória, talvez sem importância para outros, mas importantes para conhecer a ovelha que ora necessita de ajuda e acima de tudo, sem tirar os olhos do presente, dos fatos que acontecem na atualidade e que interferem no processo.

Na elaboração da fundamentação teórica utilizou-se como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica que, segundo Severino (2012, p. 45) refere-se à utilização de “dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas”. Resultado de investigações realizadas na Bíblia Sagrada, em outros livros, revistas, artigos,

teses, dentre outros, sobre os temas ou teorias tratados na pesquisa, servindo como norteadores do estudo.

No livro dos Salmos, capítulo 78, versículo 72, lê-se: "Davi cuidou deles, com dedicação e os dirigiu com muita sabedoria". Observar-se neste trecho das Sagradas Escrituras, o cuidado que Deus, a importância que a igreja através de seus líderes deve ter na preparação das pessoas (leigos) para exercitarem seus dons, entre esses, o dom do cuidar; apascentar; pastorear e aconselhar. É preciso entender que o cristão é capacitado por Deus e tem a responsabilidade de zelar as ovelhas de Deus. Esses homens e mulheres de Deus devem receber estímulos para usar os dons que possuem de forma eficiente para ajudar necessitados e perdidos. Ao pesquisar a bibliografia secular, encontra-se que aconselhar significa entre outros adjetivos, dar conselhos, sugestões, repreender levemente, orientar, chamar a atenção, avisar, admoestar, opinar, censurar, insinuar, propor, recomendar, sugerir. O conselheiro tem como função principal ajudar a pessoa, o ser humano a lidar de forma conscientemente com seus problemas. O ato de aconselhar deve ocorrer de forma direta. O aconselhamento deve ocorrer com a pessoa que busca auxílio para resolver questões que já não consegue lidar sozinha.

Para Hoch, (2007, p. 29), "aconselhamento... é a busca por formas autênticas de vivência". Para Ruthe (1999, p. 17), "o termo aconselhamento deve ser empregado atrelado a várias circunstâncias, tais como: fornecer informações, dar conselhos, criticar, elogiar, encorajar, apresentar sugestões e interpretar ao aconselhamento o significado do seu comportamento." Com a finalidade de proporcionar libertação emocional do indivíduo e facilitar o seu desenvolvimento. Constituindo um ramo da psicologia científica, Karl Rogers (2010, p.34), delibera aconselhamento como "uma série de contatos diretos com o indivíduo com o objetivo de lhe oferecer assistência na modificação de suas atitudes e comportamento". Observa-se então que, aconselhar expressa o sentido de advertir, guiar, direcionar.

Como se encontra no livro de Provérbios, capítulo 11, versículo 14: "O país que não tem um bom governo cairá; com muitos conselheiros, há segurança". Todo homem precisa de alguém que o escute e troque opiniões para que juntos cheguem a melhor decisão, isso ocorre desde ao mais simples mortal até grandes líderes mundiais. Ainda no livro de Provérbios, capítulo 15, versículo 22, encontramos: "Os planos fracassam quando não há comunicação, mas com muitos conselheiros há bons resultados".

Comunicar-se deve ser uma prática constante entre cristãos, ouvir os conselhos de seus líderes, pastores e pastoras devem fazer parte de suas decisões. No livro de Colossenses, capítulo 1, versículo 26, ainda se encontra: "Essa mensagem é o segredo que ele escondeu de

toda a humanidade durante os séculos passados, porém que agora ele revelou ao seu povo”. Mediante tudo que já foi colocado, indaga-se: o que é aconselhamento? o aconselhamento é uma área fundamental para transformação de vidas? Serve como auxílio de santificação e perseverança saudável dos membros na comunidade ou no Corpo de Cristo? Quem pode exercer a função de conselheiro? O trabalho do conselheiro quando desenvolvido com adolescentes e jovens requer do profissional algum conhecimento prévio? Como deve ocorrer o atendimento?

A ética é importante no discernimento para um atendimento eficaz? A ausência dos pais ou o pouco tempo que dispõem para acompanhar a criança e ao adolescente têm causado algum transtorno a esses grupos? A igreja e seus conselheiros na maioria das vezes têm tentado suprir essa lacuna? O caminhar ao lado da família no trabalho preventivo junto aos adolescentes e jovens é papel do conselheiro?

O aconselhamento pode desempenhar um papel fundamental ao intervir, ajudar a pessoa a se conhecer e reconhecer suas limitações, suas possibilidades e projeções futuras? Será que o aconselhamento pode leva a pessoa a identificar seu potencial e particularidades, de uma forma aceitável para si próprio e favorável para a família e seu meio de relacionamento, mudando consideravelmente o padrão de comportamento desta família?

1. O que é Aconselhamento?

De forma geral é um mecanismo utilizado para auxiliar as pessoas a superarem dificuldades e obstáculos que atrapalham seu crescimento pessoal, capacitando-as a desenvolverem competências e potenciais para transpor as barreiras. Também é o termo para lidar com as diversas situações da vida, e pode acontecer de forma individual ou em grupo.

Zanardi (2010, p.10) em sua pesquisa sobre aconselhamento, diz que: “o termo vem de *consiliun*, que tem o significado de com/unidade, com/reunião”. Considerando isso, aconselhar é um trabalho que para executá-lo serão necessárias o interesse de pelo menos duas pessoas que buscam ajudar mútua. O surgimento do termo é contemporâneo e encontra-se ligado à Psicologia, pois requer do conselheiro algumas competências e habilidades para desenvolver essa função onde a compreensão do pensamento humano é o foco da questão. Sendo assim, o conselheiro sabe que ao desempenhar sua função será o termômetro de todas as preocupações do aconselhando, considerando o sentido e os valores que o mesmo atribui à vida, levando em conta aquilo que lhe preocupa, suas atitudes e comportamentos. Como

forma de atuação do conselheiro, segundo Scheffer (1986, *apud* ZANARDI, 2010, p. 56), diz:

o aconselhamento se desenvolveu primeiramente nos Estados Unidos no início do século XX, tendo o objetivo de reduzir desigualdades, e injustiças ligadas à industrialização massiva. Entre as décadas de 20 a 50, assume um caráter mais objetivo, com atitudes mais situacional, educativa e preventiva, objetivando-se na solução dos problemas específicos e tomada de decisão do indivíduo.

Ainda segundo Scheffer (1986, *apud* ZANARDI, 2010, p. 63), “o aconselhamento foi aplicado na sua evolução para abalizar atividades que mudavam de punição e repressão à relação permissiva, que objetivava a liberação emocional do indivíduo e facilitava o seu desenvolvimento”. Entretanto, vale salientar que não apenas a Psicologia detém suas apreciações sobre o aconselhamento propriamente dito, que também é denominado de Aconselhamento Psicológico, mas por sua abrangência e praticidade na contemporaneidade o aconselhamento tem em outras instâncias, como nas áreas religiosa e social, suas próprias definições: Aconselhamento Pastoral e Aconselhamento Social.

Um bom trabalho de aconselhamento pode ajudar a restaurar áreas da vida das pessoas que estão submergidas em tempestades do dia-a-dia e se manifestam em ansiedade, culpa, depressão, falta de maturidade etc. Um trabalho de ajuda, em que pastores (as) e pessoas leigas que se pré-dispõem, servem como possibilitadores de crescimento, pode transformar o clima interpessoal de uma congregação, e fazer com que a igreja seja um lugar de transformação de vidas, de constante crescimento e a necessidade de aconselhar-se é fomentada nas pessoas durante toda a vida.

Essa atividade de aconselhamento pode ser desenvolvida em vários ambientes, entre eles, em instituições de ensino e religiosas. Independente de representações, posição social, gêneros, ideologias, além do processo de formação de adolescentes e jovens que fazem parte das comunidades e dos olhares cuidadores. Sobretudo, a necessidade da integralidade deste adolescente ou jovem, de vê-lo com suas histórias de vida, realidades, cotidiano, vivências, e, em sala de aula, promover um ambiente que o ajude e lhe confira credibilidade, confiança, bem-estar, onde em hipótese alguma haja pré-julgamentos, irá possibilitar a prática do aconselhamento. Se assim não ocorrer, poderá prejudicar a formação intelectual, afetiva e social do aluno. Mattos apresenta uma reflexão sobre esse cuidado:

Um educador que venha imbuído pelo espírito de que tal educando é “assim ou assado” já o vê com outros olhos. Essas opiniões, apreciações prévias passadas entre os educadores, distorcem a realidade e podem provocar a exclusão do aluno do sistema educativo. São preconceitos impregnados no imaginário coletivo e pessoal escolar. (MATTOS, 2012, p. 45)

Nota-se então, a necessidade das contribuições da área da psicologia para uma melhor atuação do conselheiro. Collins (2010, p. 94) aponta os pressupostos e a importância da forma como se processa o aconselhamento ligado à Psicologia, o que muitas vezes faz-se necessário utilizar diversos métodos, e não apenas um de forma isolada. Levando em consideração, por exemplo, o:

- Freudianismo - para os seguidores das teorias de Freud, os que acreditam que para que haja a ressocialização do indivíduo, deve haver a intervenção de um profissional, um especialista, um técnico, um psicanalista;

- Skinneriano, para os seguidores das teorias de Skinner, os que veem o homem como um resultado, um produto do meio em que está inserido, das convivências e que necessita de um profissional especialista para tratar suas dúvidas, seus impasses;

- Rogeriano, para os seguidores de Rogers, os que defendem a ideia de que o próprio ser humano não necessita de ajuda externa, que ele sozinho é capaz de resolver seus problemas, sem intervenção de um profissional, de um especialista;

- Grupo de Integração, para os que acreditam que o ser humano consegue sozinho e com a ajuda de um determinado grupo em que convive sanar suas aflições, seus problemas e seus questionamentos; e

- Cristianismo, para os que creem em Jesus Cristo e que asseguram que só através da busca de Deus pela Palavra, sob a orientação e ação do Seu Espírito poderá solucionar seus problemas e se distanciar de todas as inquietações, dúvidas e crises inerentes ao homem.

No entanto, para a prática pedagógica não tem como falar em relacionamento e aconselhamento, sem falar de sentimentos, de emoções. É uma química necessária para o profissional que deseja atuar na área do aconselhamento. É o que se pode chamar de afinidade emocional, ou seja, a empatia existente entre as pessoas que pode contribuir na ação do conselheiro frente ao aconselhado na conquista de sua confiança. Conforme Lanza (2013, p. 56), esses sentimentos podem ser chamados de:

contágio emocional configura-se como uma tendência a imitar de forma automática expressões, posturas e movimentos de outras pessoas, ou seja, é um tipo de influência social que pode ocorrer em nível consciente ou subconsciente. Trata-se de um conceito que explica grande parte dos fenômenos sociais e coletivos, sendo, portanto, imprescindível o investimento nos estudos e métodos científicos que abarquem o campo das emoções.

Aqui cabe bem o versículo bastante conhecido de todos os cristãos: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.” (1 Coríntios, 11:1).

Isto posto, não se pode falar em aconselhamento, sem levar em consideração o turbilhão de sentimentos envolvidos no cotidiano de cada adolescente ou jovem que buscam esse serviço. Os relacionamentos ocorrem pelas manifestações afetivas, sendo estas positivas ou não. Porém, o objeto em estudo aqui, neste primeiro capítulo foi apenas falar de aconselhamento de um modo geral, para compreendemos o que é aconselhamento, seus métodos e pressupostos.

2. Tipos de Aconselhamento

De acordo com Florido (2004, p. 24), existem dois tipos de aconselhamento, são eles:

a) **De apoio** - que para a autora, é o aconselhamento “educativo”. E pode ocorrer ... em tempos de crise, em caso de perda (morte, separação, falência), entre outros. O aconselhamento de apoio eminentemente pastoral, enfatiza cuidado e apascentamento, utiliza métodos que estabilizam, alicerçam, alimentam, motivam e orientam. É utilizado com pessoas que não necessitam de aconselhamento de descoberta, ou que não têm condições de reagir a ele pelo momento em que estão vivendo. Este tipo de aconselhamento visa satisfazer necessidade de segurança; purificação emocional; confissão; autoavaliação; análise objetiva da situação; mudanças de situação de vida; encorajar ação apropriada, etc. Geralmente esse tipo de aconselhamento é prestado em casos de crise, quando a pessoa está enfrentando sérias dificuldades (viuvez, divórcio, falência, desemprego etc.); no caso de pessoas portadoras de distúrbios, até que elas possam ser encaminhadas para tratamento.

Esse tipo de aconselhamento ocorre de forma natural e espontânea dentro das comunidades que observa a necessidade de seus membros que tiveram algum tipo de perda. O outro tipo de aconselhamento é o:

b) **De descoberta** – que para a autora

...visa mudanças básicas de personalidade, lida com aspectos ocultos e focaliza material inconsciente e experiências da infância. Esse tipo de aconselhamento visa ajudar a pessoa a adquirir consciência de si própria; a se conhecer melhor; a compreender os seus sentimentos e relacionamentos, libertando-a da dominação de experiências passadas; a ajudá-la a perceber a si própria como pessoa de valor (autoestima); a abrir mão dos disfarces, das fachadas protetoras que as impedem de desenvolver relacionamentos autênticos e reciprocamente supridores; a fazer mudanças construtivas de comportamento; a desenvolver

os seus talentos, etc. As pessoas estão vivas psicologicamente e espiritualmente na medida em que estão conscientes das suas próprias vidas interiores e com elas se relacionam, assim como com outras pessoas e com Deus. O objetivo último de todo aconselhamento é um relacionamento mais aberto, crescente e afetuoso com Deus e com o próximo.

3. Métodos de Aconselhamento

Para a autora dentro dos dois tipos de aconselhamento anteriormente citados, existem cinco métodos de aconselhamento.

- a) **Individual:** é o método mais utilizado, especialmente na vida da Igreja. É muito procurado pelos membros das igrejas, em busca de ajuda para seus problemas, e, também, no caso de pessoas recém convertidas para que possam se firmar e não se desviar da nova escolha de vida.
- b) **Conjugal:** nos casos de conflitos matrimoniais. Este tipo de aconselhamento exige várias qualificações, como confiabilidade do casal; absoluta isenção sobre as questões divergentes entre marido e mulher; testemunho de vida matrimonial do conselheiro, conhecida e reconhecida principalmente pelos que fazem parte da igreja onde congregam e desenvolvem o trabalho de aconselhamento.
- c) **Familiar:** a aplicação do referido método, para os membros de uma família inteira, deve ser indicada quando houver um mínimo de reconhecimento, por parte dos seus componentes, de que todos necessitam de ajuda e desde que sejam preenchidos os seguintes itens: quando pais e filhos estiverem de acordo em receber aconselhamento e quando houver um compromisso sincero de comparecimento e pontualidade aos horários combinados. Deve ter cuidado de evitar, diligentemente, quaisquer pretextos e sutilezas que transformem as sessões em um momento de julgamento ou "júri popular".
- d) **Grupal:** numa comunidade existem diversos grupos que desenvolvem trabalhos diferenciados. Esse método está indicado para promover o crescimento e o ajustamento espirituais de todos agrupamentos de membros, que exercem atividades diversas na igreja.
- e) **Congregacional:** quase sempre esse aconselhamento é iniciativa da liderança (pastores). A igreja é um centro de cura, libertação e crescimento. Ela tem a função de: cultivar, louvar e adorar a Deus; proclamação das boas novas; ensinar - *didache*;

estabelecer na comunidade onde está inserida o cuidado mútuo - *koinonia*; servir - *diakonia*. A igreja através do aconselhamento coloca em prática a *diakonia* (serviço) promovendo assim a *koinonia* (cuidado mútuo).

Como se observa na fala da autora existe vários métodos que podem ser utilizados durante o serviço de aconselhamento. O método individual tem sido o mais utilizado, tendo em vista que geralmente a busca é feita de forma individual, sendo necessário ouvi outras pessoas apenas num segundo momento. O método conjugal é utilizado para atender aos casais que buscam ajuda para superar problemas no relacionamento e requer do conselheiro algumas habilidades e descrição, além do exemplo pessoal. O método familiar só pode ocorrer quando alguns membros reconhecem a necessidade de buscar ajudar. O método grupal que pode ser aplicado para atender grupo de pessoas que buscam crescimento espiritual. E por último o método congregacional utilizado geralmente pela liderança da congregação, considerando que tem como objetivo o bem estar de seus membros, principalmente o bem estar espiritual.

4. Ética

O profissional que trabalha com aconselhamento, assim como outros profissionais que adentram a intimidade de seus clientes, necessita de cuidados especiais com trato das informações obtidas nas relações estabelecidas com cada um deles. Para se conhecer melhor como ocorrem essas relações, apresenta-se a seguir os conceitos de ética e ética profissional.

4.1. O que é Ética?

O termo "ética" surgiu a partir das reflexões de grandes filósofos como: Sócrates, Platão e Aristóteles. Conforme encontramos na literatura, foi na Grécia antiga onde a ética teve sua origem. Isso quando partimos da visão formal, considerando os escritos de (384 - 322 a.C.) que relatam ideias sobre a ética e as virtudes éticas segundo Aristóteles.

Para Japiassu; Marcondes (1996, p. 35), mesmo antes de Aristóteles

era possível identificar na Grécia traços de uma abordagem com base filosófica para os problemas morais e até entre os filósofos conhecidos como pré-socráticos encontramos reflexões de caráter ético, quando buscavam entender as razões do comportamento humano. A ética prosseguiu e foi se modificando com os Romanos e no decorrer de toda a história do conhecimento humano.

Existem aqueles que confundem a ética com regras a serem seguidas ou lei. Porém, não se pode deixar de considerar que frequentemente as regras ou lei tenham como base, princípios éticos. Porém, no que se refere à ética, nenhum indivíduo pode ser obrigado, pelo Estado ou por outros indivíduos a cumprir as suas normas, nem sofrer qualquer sanção pela desobediência a estas; mas quando se trata de lei pode ser omissa quanto a questões abrangidas pela ética.

Conforme Valls, (1994, p. 82):

A ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que é, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta. Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.

Holanda (2009, p. 14) define a ética como:

A apreciação das condutas do ser humano, que seriam qualificadas levando-se em conta o juízo de apreciação que se referem a toda conduta humana que seja susceptível de qualificação, isso se forem observadas do ângulo do bem e do mal. Ainda para Aurélio a Moral, vem do latim *moralis*, que é relativo aos costumes, à moral, correto, descente, integro etc. seria um conjunto de princípios e de regras que regulam as condutas das pessoas, também observadas do ângulo do bem e do mal.

Holanda, em seu dicionário da língua portuguesa a ética é definida buscando a raiz da palavra, que como muitas palavras da língua portuguesa se origina do latim. Observa-se que a palavra conduta aparece fortemente na definição de ética. Segundo Cabral (2008, p. 56):

Ética é a conduta ideal do indivíduo. Segundo o site *sua pesquisa.com*, o termo ética deriva do grego *ethos* (caráter, modo de ser de uma pessoa). Ética é um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. A palavra (*ethos*), da qual deriva “ética”, não significa somente “uso” ou “costumes” como tradicionalmente lembram os estudos introdutórios são compêndios de Ética. Heidegger, muito oportunamente, recorda que tem também uma outra etimologia, mais antiga, fundamental e sugestiva: “moradia”, “lugar onde se habita”... , elucidam essa etimologia: O lugar de habitação do homem é a proximidade dos deuses.

Conforme Cabral (2008, p. 54), para se compreender o sentido mais profundo dessa afirmação, o filósofo Martin Heidegger retoma um episódio relatado por Aristóteles: “...chegaram uns estrangeiros que queriam conhecer Heráclito e – para sua profunda decepção – encontram o famoso sábio prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. Ante o olhar de frustração dos visitantes, Heráclito dá de ombros e responde: Mas, se também aqui estão os

deuses...” E conclui: “como diz o próprio Heráclito: a morada familiar (*geheure Aufenthalt*) é para o homem, o aberto para a presentificação (*Anwesenung*) de Deus (o in-familiar)”.

Em suas análises, Martin Heidegger, o autor da fala acima, direciona para a forma da justiça e mostra que a morada do homem, é o ser! O ser que somos e que nos tornamos, através da liberdade que temos, pelo agir livre e responsável. O homem, o ser humano, não habita apenas uma casa feita de cimento e tijolos. Como ser “humano”, vivendo junto com outros seres humanos, sua habitação, seu *ethos*, é feito dos acontecimentos do dia a dia, dos hábitos, dos costumes e tradições, dos desejos, dos sonhos e do seu trabalho. Tudo isso vai formar o verdadeiro *habitat*, o ambiente onde a vida humana pode nascer, crescer e multiplicar-se.

Então, para se compreender melhor o que é ética, pode-se compará-la com a construção de um edifício. Como toda obra necessita de alicerces, a ética também necessita de estruturas, de pilares, de fundamentos. Desta forma, pode-se dizer que os fundamentos da ética são absolutamente necessários para que ela possa se sustentar. Há também as ferragens, o concreto, as vigas mestras para apoiar os assoalhos e as paredes. Na ética, são os modelos, os padrões que determinam os espaços do que é ético e do que não é, e o que fica do lado de fora da ética.

Há, evidentemente, a cobertura, a laje e o telhado do edifício, ou seja, transfigurando para a ética, aquilo que irá protegê-la para que não fique exposta continuamente às crises, às intempéries e aos ventos de doutrinas estranhas. Os detalhes, os acabamentos também são importantes na construção do edifício. As divisões, as repartições que organizam de modo harmonioso cada cômodo, o lugar de descansar, o lugar de comer, o lugar de acolher o hóspede, podem ser comparadas com as diversas orientações da ética: a intimidade das pessoas, a necessidade da economia, o desejo de relações sociais.

Assim como na construção do edifício, que ganha vida ao ser erguido diariamente, a ética ganha vida através de pequenos detalhes do dia a dia até de transformar num lar. Um lar é feito de um café da manhã, de uma música na sala, de um remédio à cabeceira, das fraldas das crianças, da toalha seca no banheiro, da comida quente na mesa. A ética se dá através de pequenos e firmes costumes. Afinal, como numa construção, quando os alicerces, as vigas mestras internas e das paredes até o telhado são esquecidas, nada nos oferece de garantias para relaxarmos dentro o edifício construído, pois se torna uma construção frágil. A ética é o edifício, a estrutura global, feita de alicerces, vigas, paredes, lajes e telhados. A moral abrange os costumes estabelecidos, as rotinas, as normas de funcionamento da vida dentro de cada lar

existente no edifício, os detalhes variados e às vezes tão entrelaçados aos costumes. Se esquecermos deles na vida nos tornamos frágeis aos vícios e maus costumes.

Ética é que o conjunto de valores morais que conduzem o comportamento humano dentro da sociedade. As empresas seguem os padrões éticos sociais pré-estabelecidos, porém criam as próprias regras para que o trabalho dentro da empresa flua de harmoniosamente, e alcance seus objetivos e metas. Cada profissional deve seguir tanto as normas e regimentos internos da empresa quanto os padrões éticos da sociedade. As informações sigilosas são exemplos desse comportamento, para a preservação do produto de sua empresa, o profissional deve manter uma postura congruente com seu trabalho e guardar para si os dados que lhe foram confiados, a fim de preservá-los.

4.2. Ética Profissional

Conforme Oliveira, (2012. p. 38), a ética está em todos os seguimentos da vida humana, ela abrange todas as práticas, todo o fazer da profissional. Quando se fala do fazer profissional, se abri as portas para os códigos de [ética, ou seja, a ética profissional](#). A rede mundial de internet traz diversos conceitos sobre **ética profissional**.

Um deles diz que ética profissional é o grupo ou conjunto de regras ou normas éticas que compreendem a consciência do profissional representando assim sua forma de conduta. O indivíduo tem ética profissional quando consegue cumprir com todas as atribuições de sua profissão, seguindo os princípios pré-estabelecidos pela sociedade e por sua classe ou conselho profissional.

A ética quando voltada para o local de trabalho visa proporcionar diariamente ao colaborador uma rotina onde ele possa colocar em prática sua honestidade, comprometimento, confiabilidade, entre tantas outras qualidades necessárias ao exercício de suas funções. Tendo como recompensa o reconhecimento, não só pelo desempenho de suas funções, mas também por sua postura ética, de valores e conduta exemplar. Os líderes sociais, representantes de alguns grupos, detêm o poder de decisão e a responsabilidade quando se trata de ética. Nenhuma nação, grupo social, nenhum povo pode escrever sua história, sem a contribuição de seus representantes, suas lideranças, sem pessoas que os representem em seus projetos na construção histórica do povo. Esses representantes, esses líderes são os elos, as ligas entre os interesses de cada grupo social e os grandes momentos, que podem se tornar históricos e únicos para realizá-los. A liderança tem que ter uma postura ética e responsável, pois esses

valores têm um tamanho e peso imensurável, pois representam todos os direitos reunidos daqueles que ela representa e lidera.

A responsabilidade ética desta liderança social vai além do institucional. Abrange também a pessoal e educacional. Quando se refere à liderança institucional, deverá cumprir fielmente os deveres e responsabilidades que lhes são atribuídas enquanto representante da instituição. Quando se refere à ética pessoal, abrange a relação do homem consigo mesmo no tocante a moral e a disciplina. Ainda são levados em consideração os costumes, deveres e modo de proceder com os outros homens, segundo os princípios éticos e morais que são verdadeiramente os pilares da construção de uma identidade profissional e sua moral mais do que sua representação social que contribuirá com a formação da consciência profissional dos sujeitos envolvidos. Ratificando o parágrafo acima, de uma forma simples, João Baptista HERKENHOFF (2001, p. 45) “exterioriza sua concepção de ética; o mundo ético é o mundo do “deve ser” (mundo dos juízos de valor), em contraposição ao mundo do “ser” (mundo dos juízos de realidade). Todavia, “a moral é a parte subjetiva da ética”. E complementando pode-se citar D’HONNT,(1966, p. 52) “O homem nem sempre pode o que quer, nem quer sempre o que pode. A demais, sua vontade e seu poder não concordam com seu saber. Quase sempre as circunstâncias externas determinam a sua sorte.”

No ambiente social e profissional nunca haverá harmonia sem que haja a ética profissional, em toda ação humana “o colocar a mão na massa” e “o resolver as pendências” estão interligados e para que isso se concretize, a ética é indispensável. O fazer diz respeito à competência, ao fazer bem feito, à eficiência que qualquer profissional, de qualquer área deve possuir para exercer bem a sua profissão. O agir se refere ao como fazer, à conduta do profissional, ao conjunto de atitudes que deve assumir no desempenho de sua profissão.

Quando se fala do “colocar a mão na massa” e “do resolver as pendências”, se remete à ciência dos Deveres, que é chamada de Deontologia, palavra que deriva do grego deontos = dever e logos= tratado, no âmbito de cada profissão. A deontologia segundo Holanda (2009, p.75) é o “conjunto de deveres e regras de natureza ética de uma classe profissional”. Tem como objetivo o estudo dos direitos, emissão de juízos de valores, compreendendo a ética como condição essencial para o exercício de qualquer profissão.

5. Ética Cristã

Pode-se perguntar, por que Ética Cristã? Por que a igreja deve se preocupar com a ética? Segundo Oliveira, (2015, p. 02) como cristãos, somos indivíduos que está inserido

dentro de uma sociedade majoritariamente não cristã. Os valores cristãos que seguimos devem encontrar correspondência na sociedade em que vivemos. Como se dá isso é a tarefa da Ética Cristã propor.

Pode-se dizer que a ética é concebida e não estudada. Cada homem vive um tipo de ética. A palavra "ética" na visão cristã tem o mesmo significado do meio secular, vem do grego e significa costume, hábito ou ritual, conjunto de princípios ideais da conduta humana ou ainda as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros de uma sociedade cristã. Conforme Oliveira (2015, p.01), pode-se dizer que

Ética é o conjunto de valores ou padrão pelo qual uma pessoa entende o que seja certo ou errado e toma decisões. Ética cristã por tanto é o sistema de valores morais associado ao Cristianismo histórico e que retira dele a sustentação teológica e filosófica de seus preceitos. A Ética cristã opera a partir de diversos pressupostos e conceitos que acredita estão revelados nas Escrituras Sagradas pelo único Deus verdadeiro.

O professor Norman Geisler é considerado um dos maiores defensores cristãos da atualidade e co-fundador do *Southern Evangelical Seminary* que esta localizado na cidade de Charlotte, no estado da Carolina do Norte. Também professor universitário durante cinquenta anos. Ele em algumas publicações ele faz um relacionamento entre questões básicas da ética normativa e situações vivenciadas por cristãos, onde exigem deles um posicionamento com relação à ética. Essas situações são: antinomismo, generalismo, situacionismo, absolutismo não conflitante e hierarquismo.

Segundo Oliveira (2015, p.2), para o antinomismo não existem normas. Os seguidores, os membros da comunidade religiosa não precisam seguir regras preestabelecidas. Não há parâmetro para o certo ou errado; Já o generalismo estabelece um padrão moral que depende das circunstancias, que ora pode ser errado, mas pode mudar a qualquer momento, pois não existem regras universais; Para o situacionismo há uma única regra a ser seguida por todos que é o amor, que pode tornar um ato correto dentro dos conceitos “morais” e a falta de amor tornará esse ato errado ou “amoral”.

Ainda segundo Oliveira (2015, p.2), para o absolutismo não-conflitante existem várias regras universais que podem ser seguidas sem que haja conflito entre si; Não é necessário seguir apenas uma única ideia. No caminhar o ser pode ter várias ideias que o leve a realização do objetivo final. Já para o absolutismo ideal existem muitas regras universais que podem uma vez ou outras entrar em conflito entre si, porém jamais devem ser corrompidas ou violadas, mesmo sendo tênue a linha que separa o ideal do real; Por fim, Oliveira apresenta o hierarquismo que reconhece que existem muitas regras únicas. Regras

que estão ordenadas de forma hierárquica de acordo com seu grau de importância e que numa situação de decisão o ser humano é obrigado a fazer escolhas de acordo com o nível de importância mais elevado.

Quando se trata da ética, no meio evangélico se busca determinar um conceito equilibrado entre o que pode e o que não pode ou o que é certo ou o que é errado, a partir da compreensão e da interpretação das Escrituras sagradas para que apresente ao leitor a verdadeira mensagem que nutre e alimenta a fé cristã. Encontra-se na Bíblia Sagrada alguns textos que falam acerca da ética e da conduta pessoal, um deles está no livro de Jeremias, 23:1-4:

Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto!, diz o Senhor. Portanto, assim diz o Senhor, Deus de Israel, aos pastores que tomam conta do meu povo: Foram vocês que dispersaram e expulsaram o meu rebanho, e não cuidaram dele. Mas eu cuidarei de vocês pelos seus maus procedimentos, declara o Senhor. "Eu mesmo reunirei os remanescentes do meu rebanho de todas as terras para onde os expulsei e os trarei de volta à sua pastagem, a fim de que cresçam e se multipliquem. Estabelecerei sobre eles pastores que cuidarão deles. E eles não mais terão medo ou pavor, e nenhum deles faltará, declara o Senhor.

Como se observa, o texto encontrado no livro de Jeremias inicia com uma advertência aos pastores que não cuidam, não tratam as ovelhas do Senhor. As “destroem” e as “dispersam”: versículo 1 - “Ai dos pastores”. No versículo 2 o Senhor declara com detalhe os motivos pelos quais está contra os líderes do povo (pastores), as acusações divinas são três: “Vós dispersastes, as afugentastes e delas não cuidastes”. Observa-se que no versículo 3 é citado “o restante” das ovelhas do Senhor, que Ele próprio falou “recolheria” e elas se tornariam “fecundas” e seriam “multiplicadas”, por último, no versículo 4 diz que “levantará” pastores que as apascentem essas ovelhas.

Observa-se a seguir algumas sentenças que falam sobre as ovelhas verdadeiramente cuidadas por seu pastor: 1- Elas não mais temerão; 2- Não mais se espantarão; 3- Nenhuma ovelha estará ausente. *“Os profetas profetizam falsidade, os sacerdotes dominam com autoridade própria, e o meu povo gosta disso. Mas o que fareis quando isso chegar ao fim?” (JEREMIAS, 5:31). Deus sempre exortando no tocante ao cuidado com suas ovelhas. A necessidade de se ter por perto esse cuidador, que no caso das igrejas são os conselheiros.*

Conforme encontramos em no livro de Jeremias, capítulo 5, versículo 31, os pastores a quem se refere são os profetas, sacerdotes e príncipes dentre o povo, entretanto se diz no versículo primeiro que em lugar de edificarem esses líderes estavam destruindo, ou seja, apascentando de modo contrário às ordenanças do Senhor. Sem o devido cuidado e alimento, o resultado é destruição e dispersão – leia-se fraqueza e insegurança - as ovelhas são levadas

“por todo vento de doutrina”, tornando-se presas fáceis de Satanás. “Então não seremos mais como crianças, arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas. Essas pessoas inventam mentiras e, por meio delas, levam outros para caminhos errados”. (EFÉSIOS, 4.14). No livro de I Coríntios pode-se ler:

Mas eu de nenhuma destas coisas usei, e não escrevi isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, do que alguém fazer vã esta minha glória. Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e aí de mim, se não anunciar o evangelho! E por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada. Logo, que prêmio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo para não abusar do meu poder no evangelho. Porque, sendo livre para com todos, fiz-me servo de todos para ganhar ainda mais. (1 CORÍNTIOS, 9:15-19)

Finalmente, conforme Oliveira pode-se dizer que Ética Cristã são “conjuntos de valores que procuram em Deus a razão maior de suas ações e decisões. Existindo assim, uma relação inseparável entre ética e religião”. Deus é o juiz maior das questões éticas e Nele estão baseados todos os códigos éticos, normas de conduta e comportamento a serem seguidos.

6. Aconselhamento Cristão

6.1. O que é Aconselhamento Cristão?

De modo simples, aconselhamento é uma combinação de ensino e apoio no qual uma pessoa ajuda outra a entender e viver nos padrões de Deus. É uma relação de ajuda que tem por finalidade propiciar apoio, esclarecimento, avaliação, orientação e tomada de decisões. O processo de aconselhamento inclui os mandamentos de Deus: ouvir, aceitar, compreender, ajudar, admoestar e instruir. Este processo acontece em um relacionamento marcado pela manifestação de amor, honestidade, verdade, interesse, paciência, integridade, respeito e confrontação.

Esse aconselhamento visa também reduzir a mutilação de nossa capacidade de dar e receber amor e permite que o amor de Deus seja uma realidade experimentada em relacionamentos. Dessa forma, o relacionamento é um instrumento de contínua renovação através da reconciliação, contribuindo para curar nossa alienação em relação a nós mesmos, nossas famílias, a outros membros da igreja, em relação a Deus e, principalmente, às pessoas que estão fora da igreja.

Tendo acompanhado certos aspectos da história do cuidado pastoral e observado o surgimento de uma teologia pastoral na época do iluminismo, comecemos agora a definir alguns termos para ajudar nossa reflexão à medida que analisamos o surgimento do aconselhamento, tanto pastoral quanto secular, durante o século XX.

E ainda está em conformidade com a Grande Comissão, na qual Jesus ordenou a seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações. São muitos os representantes de Cristo com diferentes dons, maneiras e modos de abordar as pessoas. Tudo isso são individualidades que não precisam ser abafadas: devem ser canalizadas de tal maneira que cada um seja mais eficaz como ajudador e mais sensível à orientação do Espírito Santo na medida que procurar prestar assistência aos outros, aconselhando, dividindo dificuldades ou encontrando soluções para problemas que sozinho, seria impossível enfrentar. É uma forma de dar continuidade ao ide de Jesus Cristo, ao trabalho iniciado por Ele há mais de dois mil anos.

São tantas carências, dificuldades e incerteza pelas quais o ser humano passa que a igreja hoje não possui o privilégio de decidir se vai fazer aconselhamento ou não. Observa-se que é o cumprimento da ordem de Jesus de fazer discípulos, pois nesta ordem se inclui também a ajuda as pessoas que nos seus conflitos e dificuldades necessitam de um ombro para consolo, um ouvido atento para ouvi-la e um conselheiro para fazê-la refletir e tomar a decisão mais coerente para resolver problemas e situações que até aquele momento parecia impossível solucionar. Sem falar que em momentos, quando uma pessoa que ainda não conhece a Jesus procura esse tipo de ajuda, ela deverá achar no conselheiro cristão o desejo de ajudá-la.

Pode-se de forma simples dizer que aconselhamento num olhar cristão é uma combinação de ensino e apoio no qual uma pessoa ajuda outra a entender e viver nos padrões de Deus. É uma relação de ajuda que tem por finalidade propiciar apoio, esclarecimento, avaliação, orientação e tomada de decisões dentro dos padrões bíblicos. Já com o olhar secular sabe-se que aconselhar significa dar conselhos, sugestões, chamar a atenção, avisar, admoestar, opina, repreender levemente, censurar, insinuar, orientar, propor, recomendar, sugerir. Para Ruthe (1999, p. 32), o termo aconselhamento:

[...] deve ser empregado atrelado a várias circunstâncias, tais como: fornecer informações, dar conselhos, criticar, elogiar, encorajar, apresentar sugestões e interpretar ao cliente o significado do seu comportamento. Com a finalidade de proporcionar libertação emocional do indivíduo e facilitar o seu desenvolvimento. Constituinte um ramo da psicologia científica.

Karl Rogers, (2010, p.62) delibera aconselhamento como “uma série de contatos diretos com o indivíduo com o objetivo de lhe oferecer assistência na modificação de suas

atitudes e comportamento”. Observa-se então que, conselho expressa o sentido de auxiliar o indivíduo na tomada de decisão, advertindo-o, guiando-o à enxergar além da decisão a ser tomada, as consequências de seus atos. Isso também encontra-se na Bíblia Sagrada: “O país que não tem um bom governo cairá; com muitos conselheiros, há segurança”. (PROVÉBIOS, 11:14) e “Os planos fracassam quando não há comunicação, mas com muitos conselheiros há bons resultados”. (PROVÉBIOS, 15:22), lembra os Conselheiros dos Reis? Eles seguiam os preceitos bíblicos.

Ao se falar em aconselhamento algo que primeiramente vem à mente é o ato de dar conselhos. É de praxe, desde o Éden, desde o início da civilização, ainda na história antiga, nos fatos relatados na bíblia, a prática do aconselhamento já se fazia presente no cotidiano do ser humano. A partilha de crises, situações, problemas a serem resolvidos, tudo era acompanhado por pessoas que desempenhavam o papel de conselheiros. Um excelente exemplo bíblico é o sonho do Faraó relatado no livro de Gênesis, que ilustra a confiança que o conselheiro cria junto àquele que é ajudado:

Ao final de dois anos, o faraó teve um sonho: Ele estava em pé junto ao rio Nilo, quando saíram do rio sete vacas belas e gordas, que começaram a pastar entre os juncos. Depois saíram do rio mais sete vacas, feias e magras, que foram para junto das outras, à beira do Nilo. Então as vacas feias e magras comeram as sete vacas belas e gordas. Nisso o faraó acordou. Tornou a adormecer e teve outro sonho: Sete espigas de trigo, graúdas e boas, cresciam no mesmo pé. Depois brotaram outras sete espigas, mirradas e ressequidas pelo vento leste. As espigas mirradas engoliram as sete espigas graúdas e cheias. Então o faraó acordou; era um sonho. Pela manhã, perturbado, mandou chamar todos os magos e sábios do Egito e lhes contou os sonhos, mas ninguém foi capaz de interpretá-los.

Esse sonho atormentava o Faraó. Ele ouviu todos os magos, astrólogos, sábios, que não os convenceram com a interpretação do sonho que tivera. Foi convencido pelo chefe de seus copeiros que lhe falou da sabedoria de José. Mandou chamar a José, que ouviu atentamente o relato do Faraó, interpretou e apontou a solução para o que aconteceria, orientando-o e aconselhando-o a tomar algumas decisões e realizar mudanças em seu reino. E assim, ocorreu na passagem bíblica acima relatada, e observa-se que foi um ato de aconselhamento.

Então o chefe dos copeiros disse ao faraó: "Hoje me lembro de minhas faltas. Certa vez o faraó ficou irado com os seus dois servos e mandou prender-me junto com o chefe dos padeiros, na casa do capitão da guarda. Certa noite cada um de nós teve um sonho, e cada sonho tinha uma interpretação. Pois bem, havia lá conosco um jovem hebreu, servo do capitão da guarda. Contamos a ele os nossos sonhos, e ele os interpretou, dando a cada um de nós a interpretação do seu próprio sonho. E tudo aconteceu conforme ele nos dissera: eu fui restaurado à minha posição e o outro foi

enforcado". O faraó mandou chamar José, que foi trazido depressa do calabouço. Depois de se barbear e trocar de roupa, apresentou-se ao faraó. O faraó disse a José: "Tive um sonho que ninguém consegue interpretar. Mas ouvi falar que você, ao ouvir um sonho, é capaz de interpretá-lo". Respondeu-lhe José: "Isso não depende de mim, mas Deus dará ao faraó uma resposta favorável". Então o faraó contou o sonho a José: "Sonhei que estava de pé, à beira do Nilo, quando saíram do rio sete vacas, belas e gordas, que começaram a pastar entre os juncos. Depois saíram outras sete, raquíticas, muito feias e magras. Nunca vi vacas tão feias em toda a terra do Egito. As vacas magras e feias comeram as sete vacas gordas que tinham aparecido primeiro. Mesmo depois de havê-las comido, não parecia que o tivessem feito, pois continuavam tão magras como antes". Então acordei. Depois tive outro sonho: Vi sete espigas de cereal, cheias e boas, que cresciam num mesmo pé. Depois delas, brotaram outras sete, murchas e mirradas, ressequidas pelo vento leste. As espigas magras engoliram as sete espigas boas. Conte isso aos magos, mas ninguém foi capaz de explicá-lo.

Faraó ao sonhar que saíram do rio sete vacas gordas e vistosas que pastavam; e em seguida vieram sete vacas magras as quais comeram as vacas gordas. Então, o Faraó acordou e ficou a pensar. Dormiu novamente e sonhou que sete espigas boas e cheias cresciam e em seguida, brotavam após elas sete espigas magras e queimadas pelo vento oriental que as devoravam. O Faraó acordou e viu que era um sonho, mas ficou incomodado, perturbou-se. Por outro lado, José, conhecido como José do Egito, era hebreu, foi vítima do ciúme de seus irmãos, foi vendido como escravo por eles.

O faraó teve um único sonho, disse-lhe José. Deus revelou ao faraó o que ele está para fazer. As sete vacas boas são sete anos, e as sete espigas boas são também sete anos; trata-se de um único sonho. As sete vacas magras e feias que surgiram depois das outras, e as sete espigas mirradas, queimadas pelo vento leste, são sete anos. Serão sete anos de fome. É exatamente como eu disse ao faraó: Deus mostrou ao faraó aquilo que ele vai fazer. Sete anos de muita fartura estão para vir sobre toda a terra do Egito, mas depois virão sete anos de fome. Então todo o tempo de fartura será esquecido, pois a fome arruinará a terra. A fome que virá depois será tão rigorosa que o tempo de fartura não será mais lembrado na terra. O sonho veio ao faraó duas vezes porque a questão já foi decidida por Deus, que se apressa em realizá-la. Procure agora o faraó um homem criterioso e sábio e coloque-o no comando da terra do Egito. O faraó também deve estabelecer supervisores para recolher um quinto da colheita do Egito durante os sete anos de fartura. Eles deverão recolher o que puderem nos anos bons que virão e fazer estoques de trigo que, sob o controle do faraó, serão armazenados nas cidades. Esse estoque servirá de reserva para os sete anos de fome que virão sobre o Egito, para que a terra não seja arrasada pela fome. O plano pareceu bom ao faraó e a todos os seus conselheiros. Por isso o faraó lhes perguntou: Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino? Disse, pois, o faraó a José: Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você.

José caiu nas graças do Faraó que vê no hebreu todas as qualidades necessárias para o homem que o ajudará a guardar suprimentos nos anos férteis, visando superar as dificuldades que viriam nos anos de escassez previsto no sonho. E assim foi feito, José passou a governar o Egito.

E o faraó prosseguiu: Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito. Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel de selar e o colocou no dedo de José. Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: Abram caminho! Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito. Disse ainda o faraó a José: Eu sou o faraó, mas sem a sua palavra ninguém poderá levantar a mão nem o pé em todo o Egito. O faraó deu a José o nome de Zafenate-Panéia e lhe deu por mulher Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. Depois José foi inspecionar toda a terra do Egito. José tinha trinta anos de idade quando começou a servir ao faraó, rei do Egito. Ele se ausentou da presença do faraó e foi percorrer todo o Egito. Durante os sete anos de fartura a terra teve grande produção. José recolheu todo o excedente dos sete anos de fartura no Egito e o armazenou nas cidades. Em cada cidade ele armazenava o trigo colhido nas lavouras das redondezas. Assim José estocou muito trigo, como a areia do mar. Tal era a quantidade que ele parou de anotar, porque ia além de toda medida. Antes dos anos de fome, Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om, deu a José dois filhos. O primeiro, José deu o nome de Manassés, dizendo: Deus me fez esquecer todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai. Ao segundo filho chamou Efraim, dizendo: Deus me fez prosperar na terra onde tenho sofrido. Assim chegaram ao fim os sete anos de fartura no Egito, e começaram os sete anos de fome, como José tinha predito. Houve fome em todas as terras, mas em todo o Egito havia alimento. Quando todo o Egito começou a sofrer com a fome, o povo clamou ao faraó por comida, e este respondeu a todos os egípcios: Dirijam-se a José e façam o que ele disser. Quando a fome já se havia espalhado por toda a terra, José mandou abrir os locais de armazenamento e começou a vender trigo aos egípcios, pois a fome se agravava em todo o Egito. E de toda a terra vinha gente ao Egito para comprar trigo de José, porquanto a fome se agravava em toda parte. (GÊNESIS, 41:1-57)

José era o filho predileto de seu pai, Jacó, que não escondia isso dos demais. E ao presentear o pai com uma linda túnica, despertou mais ainda a inveja dos irmãos. José foi levado para o Egito e comprado por um egípcio e chefe dos guardas do Faraó, chamado Potifar. Não foi difícil para José conquistar a confiança de Potifar, e logo foi posto como mordomo do egípcio, que lhe confiou tudo o que lhe pertencia. José era um belo jovem, de porte e tinha um belo rosto. Por possuir essa beleza natural, atraiu os olhares da esposa do seu senhor, Potifar, que em um começou a lhe cerca com elogios e num determinado dia foi surpreendido com o convite para que dormissem com ela. Ele era temente a Deus e fiel a Potifar, negou-se terminantemente.

Ela então, não se conformou com a recusa e acusou a José de abuso; Potifar crédulo, acreditou nela e o prendeu. José foi recolhido à prisão e ficou junto com os prisioneiros do rei.

Na prisão, José por ser temente a Deus e possuir qualidades que se destacavam, tornou-se confiável aos olhos do chefe dos carcereiros que lhe confiou os demais prisioneiros dos quais ele (carcereiro-chefe) era responsável. José passou então a cuidar dos demais colegas de sela. Ele era empreendedor em tudo o que José fazia.

Enquanto estava na prisão, José interpretava os sonhos de outros prisioneiros e interpretou os sonhos do copeiro e do padeiro, empregados de destaque no palácio, e após a interpretação, tudo ocorreu de acordo com a interpretação de José: em três dias o copeiro-mor voltou a trabalhar para o rei, e, com o padeiro-mor também após três dias aconteceria algo, mas, seria sua morte, e assim sucedeu. O copeiro-mor ao ouvir o sonho de Faraó, e vendo que ninguém o interpretara, falou-lhe sobre José e da interpretação que tivera havia previsto. Então, o rei mandou chamá-lo e ouviu a sua interpretação, além dos conselhos dados segundo a ordem de Deus. Os conselhos agradaram ao Faraó que o instituiu administrador do palácio – posição de maior prestígio, pois após o rei, ele é quem dava as ordens. Tudo ocorreu conforme José mencionou, e o reino prosperou. De acordo com Collins, (2010, p. 29):

Apresenta-se aqui um aprofundamento no ato do aconselhamento, nas abordagens da prática de como ajudar as pessoas sob o aspecto do discipulado; nos custos e nas responsabilidades do discipulado; nos princípios básicos, nas prioridades de ajuda às pessoas, como: o amor, a empatia, o calor, a autenticidade; técnicas de como ajudar as pessoas, com foco no estudante, como visto pelo seu professor, pois o aluno nem sempre o buscará para orientar-se, muitas vezes, o professor é quem precisa preparar o ambiente e proporcionar ao aluno, em situação de crise, a querer e aceitar a ajuda.

Outro aspecto importante na obra de Collins é apontar que todo aquele que acredita em Cristo é um instrumento para ajudar pessoas, pois Ele é o exemplo maior. Portanto, para um professor cristão ou não, Cristo pode ser um exemplo para sua prática diária e, deve ensinar não apenas os conteúdos previstos em seus planos de cursos, mas atuar no seu dia a dia deve ser um exemplo, alguém disposto a ouvir, a servir, a dar atenção, a encaminhar, a ajudar, a atuar com toda a habilidade necessária para execução do que foi proposto.

Jesus estava sempre se utilizando diferentes estratégias para comunicar-se, sempre disposto à atender ao público com o qual se estava envolvido em suas andanças. Ele utilizou diferentes metodologias para se fazer entendido por todos os que tinha a oportunidade de conviver com Ele. O próprio Jesus tinha o cuidado de aconselhar observando sempre o contexto de cada situação em que quem Lhe procurava estava envolvido. O apóstolo Paulo, instruía, aconselhava todos. Independente da faixa etária: crianças, jovens, adultos e idosos. Homens, mulheres, viúvas, enfim, todos que os procuravam. Assim como Jesus, Paulo atuava em conformidade com o meio, usando de diferentes estratégias e de formas criativas para

orientar e dar conselhos necessários a quem o buscava. Mas, assim como Paulo, Jesus e seus discípulos, estavam ao lado do povo, caminhavam juntos, e observavam tudo o que ocorria por onde passavam. O exemplo que se apresenta a seguir e merece atenção, se encontra no livro de em Mateus: “Naquele momento os discípulos chegaram a Jesus e perguntaram: Quem é o maior no Reino dos céus? Chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus. (MATEUS, 18:1-4)

Nessa passagem bíblica, Jesus colocou um menino no meio dos discípulos e falou-lhes sobre o Reino do Céu, pois acreditavam que no Reino de Deus haveria hierarquias. O fato conferiu humildade e simplicidade, pois Jesus afirmou que para entrar no Reino necessitariam ter atitudes como a daquela criança. Jesus aproveitou o que tinha a sua frente no momento, algo prático e que promoveria reflexões sobre a mensagem que pretendia transmitir. Observar o aluno, perceber suas inquietações, deve ser um dos aspectos de um conselheiro, seguido de atitudes que irão ajudar o aluno. Tal observação dá-se pelas práticas pedagógicas, para assim, diagnosticar, socializar e, encaminhar quando necessário. Um exemplo é a estratégia pedagógica de Paulo para a continuação e crescimento de seu ministério: a formação de líderes em cada comunidade por onde passava, para dar continuidade à mensagem que trazia, como se vê na Segunda Carta de Paulo a Timóteo “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros.” (2 TIMÓTEO, 2:2)

Outro exemplo é o uso de comparações, ilustrando assim suas pregações, assim como a utilizada para falar aos maridos e esposas, comparando-os à Igreja no livro de Efésios: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. (EFÉSIOS, 5:23-25)

Observa-se nos versículos citados a importância para a cidade de Éfeso deste conselho, entre outros, tendo em vista que neste período Paulo estava preso, e da prisão aconselhava os cristãos dessa região. Outro exemplo ainda é quando Paulo diz em Gálatas: “Vejam as letras grandes que estou escrevendo com a minha própria mão! Os que estão forçando vocês a se circuncidarem são pessoas que querem ficar orgulhosas com coisas de pouca importância.” (GÁLATAS 6. 11-12). Vê-se que Paulo tenha escrito a carta de próprio

cunho, sem auxílio de um secretário, mostrando ao povo a sua preocupação, e aconselhando-os – mais adiante – a não se submeterem à circuncisão imposta pelos líderes religiosos influentes da época. A estratégia de ajuda e aconselhamento de Paulo também estava nas cartas que escrevia.

6.2. Aconselhamento: função da igreja

A igreja nos últimos dias tem sido buscada como centro de cura, libertação e crescimento espiritual. Observa-se que aqueles que nela estão principalmente desempenhando um papel de liderança, devem se pré-dispor a apoiar, a ouvir, avaliar cada situação, buscar evidências para esclarecer fatos, orientar essas pessoas na tomada de decisões, e acima de tudo fazer tudo isso dentro dos padrões preconizados pela Bíblia Sagrada. Deve-se ter cuidado especial, principalmente os adolescentes e jovens que poderiam estar no mundo, mas optaram em estar na igreja. Mas ao o buscam a casa de Deus necessitam do carinho, do cuidado, do abraço do povo cristão, por isso, a cada de Deus, a igreja nesse sentido tem cinco funções:

- 1- koinonia: é o cuidado mútuo, a comunhão;
- 2- kerigma: é a proclamação das boas novas, do evangelho;
- 3- diakonia: é o serviço é o aconselhamento na igreja;
- 4- mordomia: caminhava junto com a koinonia na Igreja Primitiva;
- 5- Adoração: é o culto de louvor e adoração a Deus, a liturgia;

Na Bíblia Sagrada, no livro de ATOS 5, encontra-se a passagem que relata um erro grave de Ananias e sua esposa Safira:

Mas um homem chamado Ananias, casado com uma mulher que se chamava Safira, vendeu um terreno e só entregou uma parte do dinheiro aos apóstolos, ficando com o resto. E Safira sabia disso. Então Pedro disse a Ananias: — Por que você deixou Satanás dominar o seu coração? Por que mentiu para o Espírito Santo? Por que você ficou com uma parte do dinheiro que recebeu pela venda daquele terreno? Antes de você vendê-lo, ele era seu; e, depois de vender, o dinheiro também era seu. Então por que resolveu fazer isso? Você não mentiu para seres humanos — mentiu para Deus!

Observa-se na passagem acima que a Igreja Primitiva nada tinha de perfeita. Ananias e Safira mentiram. Por causa da mentira, ambos tiveram suas vidas ceifadas. Existia uma crise relacional entre hebreus e helenistas como encontramos no Capítulo 6, do livro de Atos: “Algum tempo depois, o número de judeus que se tornaram seguidores de Jesus aumentou

muito, e os que tinham sido criados fora da terra de Israel começaram a se queixar dos que tinham sido criados em Israel. A queixa deles era que as viúvas do seu grupo estavam sendo esquecidas na distribuição diária de dinheiro”. Apesar de tudo, havia nos personagens dos trechos bíblicos acima algumas características que servem de observação e precisam ser reconhecidos e cultivados por todos os que desejam honrar a Deus também diariamente.

Quando as funções da igreja são citadas nos dias atuais, em primeiro lugar, a Koinonia, o cuidado mútuo. Na Igreja Primitiva os irmãos desfrutavam desta comunhão. Lucas é enfático de forma categórica quando registra que “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (vs 32). Observa-se na passagem bíblica que eles dividiam em primeiro lugar seus corações, suas emoções, o que passavam em suas. Suas alegrias e tristezas, seus descontentamento e decepções. Em seguida compartilhavam os bens materiais com os menos favorecidos. Pois primeiro deve haver a comunhão, a partilhar e o compartilhar da vida e do afeto, em seguida haverá o compartilhar de bens materiais, mais isso num segundo momento. O amor uns pelos outros era exposto junto aos primeiros, a unidade tão ensinada pelo Senhor Jesus Cristo (JOÃO, 17.1-26) era vivenciada na íntegra. Pode-se observar isso quando Jesus em pessoa roga ao Pai em favor dos seus seguidores, finalizando assim:

Pai, quero que, onde eu estiver, aqueles que me deste estejam comigo a fim de que vejam a minha natureza divina, que tu me deste; pois me amaste antes da criação do mundo. Pai justo, o mundo não te conhece, mas eu te conheço; e aqueles que me deste sabem que tu me enviaste. Eu fiz com que eles te conheçam e continuarei a fazer isso para que o amor que tens por mim esteja neles e para que eu também esteja unido com eles.

Kerigma é a segunda função da igreja. E pode-se dizer que a Igreja Primitiva era uma Comunidade da Pregação. Não era qualquer proclamação, mas sim a pascoal, pois “davam testemunho da ressurreição” (JOÃO, 17.33), ou seja, o conteúdo proclamado pelos seguidores de Cristo em Jerusalém era o próprio Jesus Cristo e sua “paixão”. Sua crucificação, morte e ressurreição. Nada diferente do que deve ser abordado por qualquer comunidade que tem Cristo como Pilar. Os cristãos da igreja primitiva não anunciavam nada que não fosse Jesus Cristo puro. Nenhuma oportunidade era perdida tratando de assuntos de natureza secundária. A Igreja era conhecedora da necessidade de proclamar o evangelho para que as pessoas de arrependessem e fossem salvas conhecendo o Salvador Jesus Cristo, por isso, era uma comunidade kerigmática.

A proclamação do evangelho também era pentecostal, pois os apóstolos davam seus testemunhos “com grande poder” (JOÃO, 17.33). “O Espírito Santo derramado em

Jerusalém” (ATOS, 2.1-4) “ungiu os primeiros pregadores de forma que as multidões foram convencidas de que Jesus era, de fato, o Cristo” (ATOS, 2.41, 4.4, 6.7). Sem pregar o Cristo vivo, não há derramamento de poder. E conseqüentemente, não haverá convencimento do Espírito Santo e, obviamente, não haverá conversões.

A Diaconia apresentada como a terceira função da igreja, significa serviço e sem sombra de dúvidas, nossos primeiros irmãos cuidavam uns dos outros. A Igreja Primitiva era rica em boas obras, eles se ajudavam e serviam uns aos outros. A primeira função, a Koinonia, era vivenciada na prática, não era apenas conceitual e verbal. Tão prática que “...nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras e casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes aos pés dos apóstolos; então se distribuía...” (vs 34-35). Ajudar o próximo, ser solidário era algo normal entre eles, pois “nenhum necessitado havia”. Não havia limites, terras e casas eram vendidas, para atender a todos. E, também, sem acepção de pessoas, pois se distribuía “a qualquer um” (vs 5).

A Mordomia aparece como a quarta função, que é o mesmo que gerir de forma coerente; administrar; economizar para não faltar. Sabe-se que a generosidade era uma característica dos primeiros cristãos. Mas não eram tolos, acompanhavam o uso de perto. A administração com sabedoria dos recursos angariados conquistados através da venda das propriedades doadas. E sempre que alguém da comunidade necessitava, “à medida de que alguém tinha necessidade” (vs 35). No livro de Gênesis, Deus ordena ao homem que trabalhe para garantir sua sobrevivência: “E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.” (GÊNESIS 2.15) “Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.” (EXÔDO, 20.9). O apóstolo Paulo chama a atenção dos preguiçosos que na cidade de Tessalônica queriam se aproveitar da bondade dos que faziam doações.

Mandamos-vos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu. Porque vós mesmos sabeis como convém imitar-nos, pois que não nos houvemos desordenadamente entre vós, Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. Não porque não tivéssemos autoridade, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes. Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também. Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs. (2 TESSALONICENSES, 3.6-11).

Assim como está escrito no livro de Atos, “a religião pura e imaculada para com Deus e Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.” Tudo que era arrecadado era revertido ao pobre, ao necessitado, ao

órfão e as viúvas (TIAGO, 1.27). A adoração aparece como a quinta e última função. É a liturgia, a forma como se adora a Deus. Mesmo para muitos evangélicos, a liturgia soa como “culto metódico, rígido, tradicional, formal.” Por isso, algumas igrejas preferem um outro estilo de culto. Uma adoração espontânea e participativa, sem roteiro pré-estabelecido e que acima de tudo Deus seja exaltado, engrandecido e adorado. A igreja é a casa de Deus, espaço destinado à comunhão, à adoração. Não pode ser considerada apenas local de encontros para confraternização. A congregação deve ser vista como um lugar de ensinamentos e aprendizagens. Lugar de troca, o que se prega é vivenciado. Onde o cuidado, o amor ao próximo faz parte do dia a dia,

Mas onde entra aconselhamento nisso tudo? A igreja, a casa de Deus, o lugar de adoração, de confraternização, o lugar de troca e comunhão, deve ser um porto seguro para àqueles que a busca. Todos que entrarem “neste local” deve sentir o consolo, o conforto, o carinho, o acolhimento, o apoio e a certeza que chegaram ao lugar certo e que dali não sairão da forma que chegaram e que ali encontrarão a ajuda necessária para aliviar o fardo que carregam.

Alguns escritores como: Szentmartoni (1999), Collins (1995), Casera (1985), Clinebell (2007), Pereira (2007), dentre outros, chegam a um consenso ao tratar do tema “aconselhamento cristão”. O método não diretivo de Karl Rogers, esta presente nas práticas relacionadas ao aconselhamento de uma maneira ou de outra. Pensando como eles, o estabelecimento de vínculos entre a pessoa do conselheiro e o a pessoa do aconselhado deve fazer obrigatoriamente parte da proposta de aconselhamento. Prioritariamente no que se refere a confiança entre ambos que deve ser estabelecida, pois sem esse vínculo é impossível que o aconselhamento se desenvolva de forma salutar. Para Mannóia (1985, p. 101) “para que haja o aconselhamento cristão é primordial que as relações pessoais e a centralidade da pessoa esteja no aconselhamento”.

Da mesma forma, Szentmartoni (1999, p. 67) também o faz, contudo ressalta, ainda, as marcas da natureza do aconselhamento cristão, o que se pode inferir: a) Contextualizada à missão e à evangelização da Igreja. b) Na ajuda, desempenha um trabalho bíblico-teológico do anúncio cristão. c) Uma atividade religiosa (conselheiro e aconselhando) que deve ser observada a pessoa e seu relacionamento com Deus. d) Limites da atuação e da atividade do aconselhamento cristão e suas interfaces com outras atividades de aconselhamento. Ainda segundo Szentmartoni (1999, p. 68), é importante que a pessoa do conselheiro tenha a capacidade de sentir, ou imaginar o que sente o aconselhando naquele momento. O conselheiro deve ser uma pessoa autêntica e que passe confiança e tranquilidade ao

aconselhando. Na literatura especializada, essas características, são consideradas, como o primordial para o sucesso de todo e bom aconselhamento que tem como prioridade levar ajuda aos necessitados deste serviço. Nessa perspectiva, Szentmartoni ainda apresenta as seguintes técnicas de intervenção no aconselhamento, levando em consideração o princípio da não-diretividade, as quais sejam: “a reformulação – é quando o conselheiro se expressa claramente verbal ou não-verbal ao aconselhando, as principais formas são: a reiteração, a resposta-eco, as expressões equivalentes e a recapitulação”.

O reflexo do sentimento – com o objetivo de criar um ambiente de emoção genuína, em que possa haver o contato sincero da pessoa com sua afetividade, os principais sinais são: pausas, choro, contradições entre expressões verbais e não verbais etc. A reestruturação do campo – intervenção com a finalidade de fazer reestruturações do campo perceptivo da pessoa quer referente à sua pessoa (ego) ou a imagem de si. Tomando como base os conceitos da Gestalt, as intervenções a serem efetuadas pelo conselheiro devem ser: primeiro ressaltar a “figura”, o assunto apresentado como é percebido pelo aconselhando; em seguida esclarecer uma posição entre os vários temas expostos; e partir daí, o aconselhando poderá ampliar o significado do que foi exposto ou mudar a sequência da importância dos fatos apresentados por ele.

Por fim, Szentmartoni (1999, p. 69) observa que o conselheiro tem de ter os devidos cuidados em sua atividade, deve evitar colocações ou expressões que não contribuem para o objetivo principal do aconselhamento, segundo Mannóia (1985, p. 103), que “é o de facilitar o crescimento da personalidade ao máximo nível de maturidade”. São observações que o conselheiro passa ao aconselhando como sendo as suas conclusões, de forma moralista e não observa as manifestações do seu aconselhando. Segundo Szentmartoni (1999, p. 70), isso denota falta de confiança nos recursos do outro, por parte do conselheiro e impede que o objetivo maior do aconselhamento seja atingido.

6.3. A Bíblia e o Aconselhamento Cristão

Cunha (2004, p. 145), ao falar sobre aconselhamento cristão, cita Mack, ao destrinchar de acordo com a compreensão tradicional o tema aqui abordado. Ele leva o leitor a compreender as características necessárias para que o aconselhamento seja identificado como “aconselhamento cristão”.

O aconselhamento, para ser chamado cristão precisa possuir quatro características: 1. Ser realizado por um cristão; 2. Ser centrado em Cristo

(Cristo não é um adendo ao aconselhamento, mas é a alma e o coração do aconselhamento, a solução para os problemas. Isto contrasta com o caráter antropocêntrico das psicologias modernas); 3. Ser alicerçado na Igreja (a Igreja é meio principal pelo qual Deus trás as pessoas ao seu convívio e as conforma ao caráter de Cristo); 4. Ser centrado na Escritura Sagrada (a Bíblia ajuda a compreender os problemas das pessoas e prover solução para os mesmos).

“Planejar juntos” é o significado da palavra “aconselhamento” constante no Novo Testamento quando traduzido do grego para o português. Na relação estabelecida durante o aconselhamento, o "conselheiro" e aconselhado acreditam na exclusividade, na soberania, na confiabilidade e na integridade da Palavra de Deus, assim como da presença do Espírito Santo. O aconselhamento cristão se baseia na Palavra originada no coração de um Deus eterno, pré-existente à fundação do mundo, sendo inquestionável sua eficácia universal bem como em sua validade eterna (HEBREUS, 4:12).

O Aconselhamento na igreja, o aconselhamento cristão, o aconselhamento pastoral é uma modalidade de aconselhamento que busca ajudar o outro com base nas orientações das Sagradas Escrituras, a Bíblia Sagrada. É considerado, portanto, que a Bíblia é e contém o método utilizado para esta orientação, que em suma pode ser definido como a “Palavra de Deus”, dirigida ao homem e que serve utilmente para sua orientação, oferecendo-lhe um caminho dentro de suas compreensões.

É o que diz Timóteo em sua segunda carta, no capítulo 3, versos 16 e 17: “Toda escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”. Portanto a Bíblia é de inspiração divina e torna o homem perfeito, quando nela busca orientações. O termo “pastoral” é oriundo do vocábulo “pastor”, que é aquele que cuida de um rebanho. Nesse sentido o pastor é aquele que conduz as ovelhas ao aprisco, fazem-nas entrar e sair, protegendo-as de ataques das feras durante todo tempo. Jesus diz isso de sua função como sumo-pastor, por meio das palavras registradas pelo Evangelho de João:

Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatam e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido (JOÃO, 10: 10-14).

Nesse sentido o pastor é um cuidador por excelência, cuja missão desenvolve-se na perspectiva para um aconselhamento muito próximo, distante portanto de um simples exercer mercenário, o qual é pago para realizar uma função sem qualquer perspectiva de cuidado.

Como o aconselhamento cristão é fundamentado sempre e exclusivamente, na Palavra de Deus, o conselheiro não deve emitir sua opinião pessoal, mesmo que seja uma pessoa de grande experiência espiritual e de reconhecida maturidade cristã (HEBREUS 4:12): “Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” e em II TIMÓTEO 3:16: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça”. Sob esse aspecto, o Senhor Jesus é o exemplo mais convincente, mais verdadeiro que deve ser fielmente seguido por todos os conselheiros que se consideram cristãos. Como encontramos em João capítulo 12:

Então Jesus disse em alta voz: Quem crê em mim, não crê apenas em mim, mas naquele que me enviou. Quem me vê, vê aquele que me enviou. Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras, e não as guarda, eu não o julgo. Pois não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo. Há um juiz para quem me rejeita e não aceita as minhas palavras; a própria palavra que proferi o condenará no último dia. Pois não falei por mim mesmo, mas o Pai que me enviou me ordenou o que dizer e o que falar. Sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu digo é exatamente o que o Pai me mandou dizer. (JOÃO, 12:44-50)

Nunca é demais destacar o aspecto soberano da Bíblia, propriedade singular que torna o aconselhamento cristão diretivo (o conselheiro baseado na Bíblia orienta o aconselhado e o ajuda nas decisões). Paralelamente a isso, existe um fator de segurança na certeza de que o desenvolvimento desse tipo de aconselhamento está subordinado à inspiração e orientação do Espírito Santo (JOÃO, 14:26).

O Salmo 19 mostra a Palavra de Deus como o que há de melhor para orientar, formar, direcionar, acalmar e aconselhar a pessoa: “A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos simples. Os preceitos do Senhor são retos, e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro, e alumia os olhos. O temor do Senhor é limpo, e permanece para sempre; os juízos do Senhor são verdadeiros e inteiramente justos” (Salmos 19.7-9).

Qualquer tentativa de tornar uma pessoa saudável e equilibrada e que ignore o valor da Bíblia será uma tentativa frustrada. Não há rumo seguro para a vida fora dela. Além disto, há a questão do senhorio de Cristo sobre nossas vidas. Como bem disse Lutero: “Não há uma área sequer de nossa vida que Cristo não diga: ‘É meu!’. O cristão é servo de Cristo e é regido pelas Escrituras em todas as áreas de sua vida.

A ferramenta utilizada no âmbito do Aconselhamento Cristão em sua relação com o aconselhado se dá por meio das Sagradas Escrituras, a Bíblia. Segundo Coelho Filho (2013, p. 82), a Bíblia em seu propósito de orientação é por excelência eficaz. Nesse sentido, o aconselhamento cristão, centra-se exclusivamente na Bíblia e parte dela para os direcionamentos àquele que busca ajuda na solução de problemas.

6.4. O Aconselhamento Cristão e os Jovens da Bíblia

Na Bíblia temos vários exemplos de conselheiros, de servos que apesar da pouca idade cuidava do rebanho. Davi é um desses, Pastor nato. Responsável por conduzir seu rebanho, pois o rebanho era a fonte de renda (I SAMUEL 17:15). “Davi, porém, ia e voltava de Saul, para apascentar as ovelhas de seu pai em Belém.” Davi mostrou ético, ser digno de confiança. Davi era cuidadoso, disposto, esforçado, sempre pronto para o serviço. A Bíblia dia que se levantou de “madrugada”, deixou suas ovelhas com a guarda (I SAMUEL 17:20):

Davi então se levantou de madrugada, pela manhã, e deixou as ovelhas com um guarda, e carregou-se, e partiu, como Jessé lhe ordenara; e chegou ao lugar dos carros, quando já o exército saía em ordem de batalha, e a gritos chamavam à peleja.

Era um jovem segundo o coração de Deus e pronto para servi. Ele assim foi sua vida, serviu aos seus irmãos e as tropas (I SAMUEL 17:17-18): E disse Jessé a Davi, seu filho: Toma, peço-te, para teus irmãos um efa deste grão tostado e estes dez pães, e corre a levá-los ao arraial, a teus irmãos. Porém estes dez queijos de leite leva ao capitão de mil; e visitarás a teus irmãos, a ver se vão bem; e tomarás o seu penhor.

“E Ele os apascentou segundo a integridade do seu coração, e os guiou com a perícia de suas mãos.” (Salmos 78:72). Na Bíblia Linguagem de Hoje, o mesmo texto de Salmo 78:72, ler-se assim: "Davi cuidou deles, com dedicação e os dirigiu com muita sabedoria". Uma ênfase importante para a igreja hoje é o treinamento de pessoas (leigos) para o exercício dos seus dons. É importante entender que a responsabilidade pelo pastoreamento (apascentamento) das ovelhas de Deus não é só dos pastores ordenados. Homens e mulheres deveriam ser estimulados a usar os dons pastorais que possuem. Infelizmente, existem poucas pessoas nas igrejas que conseguem ajudar de maneira voluntária e eficiente.

Outro exemplo é o de Daniel. Ele era adolescente quando Nabucodonosor o levou para a Babilônia. Esse era só o começo do cativeiro babilônico e da devastação da nação judaica. Na Babilônia, pela providência de Deus, Daniel rapidamente ganhou fama e poder

por causa de sua conduta impecável e de sua sabedoria, conforme encontramos em Bíblia, no livro de Ezequiel 14:14, 20; 28:3:

Mesmo que estes três homens — Noé, Daniel e Jó — estivessem nela, por sua retidão eles só poderiam livrar a si mesmos, palavra do Soberano Senhor. Juro pela minha vida, palavra do Soberano Senhor, mesmo que Noé, Daniel e Jó estivessem nela, eles não poderiam livrar seus filhos e suas filhas. Por sua justiça só poderiam livrar a si mesmo. Você é mais sábio que Daniel? Não haverá segredo que lhe seja oculto?

Daniel foi conselheiro da Babilônia e da Pérsia durante os 70 anos do cativeiro de seu povo. Ele sabia como funcionavam os reinados da terra, e como eram frágeis e passageiros. Sua própria nação, Israel, que estava em ruínas, já tinha sido importante e próspera sob o domínio de Davi e de Salomão. Daniel foi nomeado governador sobre todas as províncias e permaneceu na capital do império.

E como conselheiro do Rei, pediu cargos políticos importantes no reino para seus amigos Hananias, Misael e Azarias, que na Babilônia receberam os nomes de Sadraque, Mesaque e Abednego. Nabucodonosor ergueu uma estátua e todos ao som de uma música deveriam adorá-la. Mas os jovens não a adoraram. Eles tinham seus princípios e adoravam unicamente o Deus de Israel e não se curvaram à estátua de ouro.

O rei ficou profundamente irritado e resolveu aplicar a pena conforme previsto em decreto, que preconizava que qualquer homem que não se prostrasse e adorasse a estátua, seria jogado na fornalha de fogo ardente, que neste caso, foi aquecida sete vezes mais para receber aos amigos de Daniel: Sadraque, Mesaque e Abednego. Que foram amarrados e lançados na fornalha com chapéus, roupas e túnicas e os homens que os jogaram na fornalha, morreram por causa do fogo. E o Rei Nabucodonosor se levantou depressa e perguntou aos seus servos quantos homens haviam sido lançados na fornalha e os servos disseram afirmaram que teria sido três jovens jogados dentro da fornalha, então disse Nabucodonosor: “Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem sofrer nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante ao Filho de Deus.” (DANIEL 3:25).

É curioso imaginar a cena quando o rei olha para dentro da fornalha, e observa quatro e não apenas três homens andando pra lá e pra cá sem sofrer dano algum. E ainda consegue ver no “quarto homem” a semelhança com o Filho de Deus. É exatamente neste momento que Nabucodonosor reconhece o grande poder do Deus dos jovens jogados na fornalha. A partir de então ele cria um novo decreto que passa a punir qualquer um que blasfemasse contra o Deus dos jovens hebreus Sadraque, Mesaque e Abednego. Se isso

ocorresse, o autor seria despedaçado e sua casa seria feita monturo e Nabucodonosor ainda diz: “porquanto não há outro Deus que possa livrar como este.” (DANIEL 3:29b).

Conclusões

Esse não é o primeiro trabalho acadêmico que trata do aconselhamento cristão. Sabe-se que esse não é um tema inédito. Muitos líderes têm buscado formas de ajudar seus liderados e diferentes procedimentos que melhorem o trabalho do conselheiro no contexto pastoral. Observe-se, que esse tema também é uma preocupação, pois, guardadas as devidas proporções, serve também de base para o trabalho de capelania e suas mais diversas atividades, especialmente, quando esse capelão atuar na condição de conselheiro e ainda quando o público a ser atendido é de adolescentes e jovens.

É importante observar que há muitos escritos sobre o assunto, especificamente com teorias e métodos devidamente elaborados. Há também diversos textos sobre o aconselhamento cristão e a aconselhamento psicológico, que observam seus vínculos, contribuições, limites e críticas, como: Szentmartoni (1999), Mannóia (1985), Sathler-Rosa (2004), Collins (20010), Casere (1985) Clinebell (2007), Pereira (2007). E outros citados no desenvolvimento deste trabalho, porém, faz-se necessário ressaltar algumas atitudes ou ações do conselheiro apontadas por alguns autores que demonstram equívocos no desempenho do papel de conselheiro cristão.

Autores, como Wagner in: Lino (1998) chama a atenção para alguns comportamentos inadequados que podem prejudicar o trabalho do conselheiro. São eles: 1. Visita - em vez de aconselhamento gera confusão do momento da atuação de aconselhamento pastoral, pois estar em lugar neutro é uma das condições fundamentais para o desenvolvimento do trabalho; 2. Falta de tempo – quando o conselheiro não tem tempo para se dedicar a cada caso pode ser entendida pelo aconselhando como desinteresse de sua parte; 3. Rotular – a interpretação antecipada ou rotulação por parte do conselheiro em vez de respeito pela diferença é um equívoco que afasta e não possibilita novos encontros entre conselheiro e aconselhando;

Outros comportamentos além dos já citados devem ser considerados quando o aconselhamento é o tema proposto, por exemplo: 4. Condenação – culpar em vez de manter a imparcialidade gera uma relação de desconfiança por parte do aconselhando, pois este se fecha e não fica disponível para a relação de aconselhamento; 5. Ansiedade - querer resolver tudo em um só momento revela a ansiedade da relação entre conselheiro e aconselhando e,

ainda, gera interpretações apressadas e cansaço, pois é comum serem encontros longos; 6. Ser diretivo, por parte do conselheiro, é uma atitude que revela uma concepção de negação das potencialidades do ser humano, as quais são fundamentais para agir, de forma adequada e saudável, por si só;

Envolvimento emocional do conselheiro com o aconselhando é a manifestação mais viva que o foco da relação terapêutica está equivocado; Distanciamento em vez de empatia, quando o conselheiro por algum conteúdo da relação com o aconselhando procede se distanciando quando deveria estar presente na relação como facilitador.

No aconselhamento cristão, conselheiro e aconselhado têm a certeza de que Deus os reuniu naquele encontro para o cumprimento de seus propósitos santos. Quando o conselheiro ajuda a uma pessoa pela provisão do Espírito Santo, ambos são tomados pela convicção de terem sido colocados, exatamente, no centro da graça divina (ROMANOS, 5:20):

A lei veio para aumentar o mal. Mas, onde aumentou o pecado, a graça de Deus aumentou muito mais ainda. E isso aconteceu a fim de que, assim como o pecado dominou e trouxe a morte, assim também a graça de Deus, que o leva a aceitar as pessoas, dominasse e trouxesse a vida eterna. Essa vida é nossa por meio do nosso Senhor Jesus Cristo.

O chamado para a obra, é de Deus, pois é Ele quem toca no coração do cristão, convocando-o para uma determinada obra específica na igreja, no Corpo de Cristo. Se Ele chamou, Ele inspira e capacita. Dentro de cada necessidade individualmente, particularmente a cada cristão, mostrando o seu cuidado, a fidelidade e a santidade de seus propósitos (EFÉSIOS, 4:7-16):

Porém cada um de nós recebeu um dom especial, de acordo com o que Cristo deu. Como dizem as Escrituras Sagradas: Quando ele subiu aos lugares mais altos, levou consigo muitos prisioneiros e deu dons às pessoas. O que quer dizer “ele subiu”? Quer dizer que ele também desceu até os lugares mais baixos da terra, isto é, até o mundo dos mortos. Assim, quem desceu é o mesmo que subiu, acima e além dos céus, para encher todo o Universo com a sua presença. Foi ele quem “deu dons às pessoas”. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja. Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo. Desse modo todos nós chegaremos a ser um na nossa fé e no nosso conhecimento do Filho de Deus. E assim seremos pessoas maduras e alcançaremos a altura espiritual de Cristo. Então não seremos mais como crianças, arrastados pelas ondas e empurrados por qualquer vento de ensinamentos de pessoas falsas. Essas pessoas inventam mentiras e, por meio delas, levam outros para caminhos errados. Pelo contrário, falando a

verdade com espírito de amor, crescamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. É ele quem faz com que o corpo todo fique bem ajustado e todas as partes fiquem ligadas entre si por meio da união de todas elas. E, assim, cada parte funciona bem, e o corpo todo cresce e se desenvolve por meio do amor.

Isso se aplica aos que têm a vida alicerçada na Palavra de Deus; aos que tem a ela como a única regra de fé e prática; aos que tem plena convicção de que não existem coincidências na vida cristã (ROMANOS, 8:28): “Pois sabemos que todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles a quem ele chamou de acordo com o seu plano”.

A igreja através de "campanha evangelística" leva a palavra de Deus e tenta resgatar vidas das mais diversas procedências, que têm a oportunidade de ouvir as mensagens do evangelho, aceitam a Jesus Cristo e na Igreja buscam soluções concretas para suas necessidades pessoais. Ao serem acolhidos, passam a fazer parte do Corpo de Cristo, todavia, podem apresentar certas sequelas espirituais e emocionais, necessitando de ajuda, de amor, aceitação e de aconselhamento, daí a necessidade de preparar homens e mulheres de Deus para assumirem esse papel e abraçar àqueles que buscam essa ajuda.

O Aconselhamento na igreja, o aconselhamento cristão, o aconselhamento pastoral é uma modalidade de aconselhamento que busca ajudar o outro, com base nas orientações das Sagradas Escrituras. É considerado, portanto, que a Bíblia é, e contém o método utilizado para esta orientação, que em suma pode ser definido como a “Palavra de Deus”, dirigida ao homem e que serve utilmente para sua orientação, oferecendo-lhe um caminho dentro de suas compreensões. É o que diz Timóteo em sua segunda carta, no capítulo 3, versos 16 e 17: “Toda escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”. Portanto a Bíblia é de inspiração divina e torna o homem perfeito, quando nela busca orientações e deve ser a bússola ou na linguagem de hoje o GPS para todos os que têm o chamado para trabalhar como Conselheiro Cristão.

Referências

- BARBOSA, Adriel. **Aconselhamento: tipos e processos**. Disponível em: <https://prezi.com/du33ns6guvav/acoeselhamento-tipos-e-processos/>. Acessado em: 23 jun 2015.
- CABRAL, A. M. **Heidegger e a destruição da ética**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Mauad, 2008.
- CASERE, D. **Psicologia e aconselhamento pastoral**. São Paulo: Paulinas, 1985.

- COELHO FILHO, I. G. **Aconselhamento pastoral ou aconselhamento psicológico?** Disponível em: <<http://www.isaltino.com.br/2011/11/aconselhamento-pas...>>. Acesso em: 14 mar. 2015.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo. Semeadores da Palavra, 2010.
- _____. **Aconselhamento cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CHAMPLIN, Russel. **Enciclopédia bíblica, teologia e filosofia**. São Paulo. Candeia, 1992.
- CLINEBELL, H. J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. 4. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio - Século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FLORIDO, Gislaíne. **Aconselhamento cristão**. Rio de Janeiro: Ed. Semeador, 2004.
- FILHO, P. V. **Uma ética para nossos dias**. São Paulo: Editeo, 1977.
- HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L, Susana M. (Orgs.) **Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- HOLANDA, Aurélio Buarque. **O dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro. 2009.
- HERKENHOFF, João Baptista. **Ética; educação e cidadania**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.
- HURDING, Roger F. **A árvore da cura: fundamentos Psicológicos e Bíblicos para Aconselhamento Cristão e Cuidado Pastoral**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- LANZA, Carla Osmarina Albano. **Aconselhamento cristão na prática docente: a afetividade como abertura ao aconselhamento**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) – REFIDIM, Faculdade de Teologia, Joinville (SC), p. 1–27. Adaptação do original a este artigo científico.
- LINO, J. M. B. Os Desafios do Acouselling Pastoral – na perspectiva da abordagem centrada na pessoal. Lisboa: APPCPC, 1998. Revista “A pessoa como centro – **Revista de estudos rogerianos**. Outubro –Novembro.
- MANNÓIA, V. J. **Aconselhamento pastoral**. São Bernardo do Campo/SP: Imprensa Metodista, 1985
- MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 44, p. 217-233, abr/jun. 2012.
- MENDES, Sibelí Azambuja. **Aconselhamento integral**. Fathel, 2012.
- OLIVEIRA, Antônio Roberto. **Ética profissional**. Belém: IFPA; Santa Maria: UFSM, 2012.
- OLIVEIRA, Rodrigo M. de. **O que é Ética Cristã?** Instituto Teológico Quadrangular. Embu – São Paulo. <http://www.atosdois.com.br/print2.php?codigo=3913>. Acessado em: junho de 2015.
- PATTERSON, L. E.; EISENBERG, S. **O Processo de aconselhamento**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PEREIRA, E. S. **Benefícios do aconselhamento pastoral aliado a práticas da psicoterapia**. Maringá/Pr: 2007 (monografia -Cesumar – Centro Universitário de Maringá)
- PETRINI, J.C. **mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à Luz da História Social e da Sociologia**. Memorandum 8, 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>. Acesso em: 28 dez 2014.
- PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência**. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

- RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estudos de psicologia**, Campinas, n. 23 (1), p. 39-45, jan/mar. 2006.
- ROHENKOHL, Lia Mara Inês Albertoni; CASTRO, Elisa Kern. Afetividade, Conflito Familiar e Problemas de Comportamento em Pré escolares de Famílias de Baixa Renda: visão de Mães e Professoras. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, n. 32 (2), p. 438-451, 2012.
- ROGERS, Karl. **Psicoterapia e Consulta Psicológica**. Coleção Educadores. Recife: Editora Massangana, 2010.
- ROHDEN, Humberto. **O sermão da montanha**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2011.
- RUTHE, Reinhold. **Aconselhamento: como se faz?** Curitiba: Editora Vida e Luz, 1999.
- SANCHES, Regina Fernandes. A Possibilidade da Integralidade. *In: Práxis evangélica*. Nº 18, 2011, p. 07. Disponível em: <<http://refidimvirtual.com.br/moodle/mod/resource/view.php?id=148>>. Acesso em: 29 mai.2015.
- SÁ, A. L. de. **Ética profissional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- SANTANA, Eliude Cristina Castro Pinheiro. **Afetividade e Aprendizagem Sob Uma Abordagem Psicopedagógica**. Universidade Candido Mendes: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205935.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- SATHALER-ROSA. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica contemporânea**. São Paulo: Aste, 2004.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. **Teologia da missão integral**. São Paulo: Reflexão, 2009.
- SCHEEFFER, R. **Aconselhamento psicológico: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2010.
- _____. **Teorias de aconselhamento**. São Paulo: Atlas, 1986.
- SMITH, Oswald. **Paixão pelas almas**. São Paulo: Editora Vida, 1991.
- SZENTMÁRTONI, M. **Introdução à teologia pastoral**. Loyola: São Paulo, 1999.
- _____. A crítica da religião. **Revista interações**. v.3.n.4, p.37-54. 2008.
- SILVA, N. P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- SOARES, M. Cuidando da Família de Pacientes em Situação de Terminalidade Internados na Unidade de Terapia Intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 19, n. 04, São Paulo, 2007.
- VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)
- VASSÃO, E. **Consolo**. 5. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- ZANARDI, E. **Aconselhamento a pessoas em final de vida**. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

Didática Alternativa na Catequese: O Turismo Pedagógico no Âmbito Eclesial

*Juliana Gomes Das Oliveiras³
Antonio Ferreira Rosa Júnior⁴*

Resumo

O Papa Francisco (2013) convidou os fiéis católicos a repensarem sua postura e ação enquanto membros de uma igreja cristã. Ele pede uma Catequese mais concernente com as circunstâncias do século XXI. Aproveitando o projeto da tese doutoral “Turismo Pedagógico: una estratégia motivadora para la mejora de la enseñanza/aprendizaje activo a través de las experiencias vividas”, a ser defendida na Universidad de Valladolid, na Espanha. Resolvemos pôr em prática no âmbito eclesial o modelo educativo que estamos desenvolvendo. Levamos um grupo de catequisandos do Sacramento do Crisma para o Instituto Ricardo Brennand e estamos considerando que houve uma reconversão dos olhares (Spíndola da Hora & Cavalcanti, 2003) da adoração a Deus através da Natureza e das Artes.

Palavras-chave: Didática; Turismo Pedagógico; Catequese; Igreja Católica.

Introdução

Em 2013, a Igreja Católica Apostólica Romana conheceu um novo papa, com um perfil mais paroquial e missionário. Este papa está revolucionando desde suas ideias, comportamentos e pedidos. O Papa Francisco (2013), em sua primeira Exortação Apostólica, convida aos fiéis a rever sua missão cristã, a entender o querigma e a adaptar a didática das catequeses considerando o contexto do século XXI, sem esquecer do foco: Cristo Crucificado⁵.

É desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a riqueza do passado, mas também na vastidão das suas múltiplas expressões atuais, a fim de transmitir a fé numa nova «linguagem parabólica».” (Papa Francisco, 2013, §168)

³ Técnica em Serviços Turísticos de Eventos, Hospedagem e Agenciamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). Licenciada Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Bacharel em Turismo, Mestre e Doutoranda em Educação, na linha de pesquisa Didática e orientação escolar, pela *Universidad de Valladolid* (UVa), na Espanha. Servidora pública federal do IFPE *Campus Olinda*. E-mail: juliana.oliveiras@olinda.ifpe.edu.br

⁴ Professor da Faculdade de Teologia Integrada (FATIN) e do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrando em Administração pela *Universidad de San Lorenzo* (UNISAL), no Paraguai. Especialista em Educação pelo Centro Universitário Barão de Mauá e em Administração pela FATIN. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Kúrios (FAK). Bacharel em Teologia pela FATIN.

⁵ Cristo Crucificado: o filho de Deus que se fez cordeiro para imolar nossos pecados. “(...) Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais misterioso, na humilhação voluntária e na ressurreição de seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1 Cor 1, 25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1, 19-22).” (Catecismo da Igreja Católica, § 272). E-mail: rosajunior_br@yahoo.com.br.

Na busca por recursos didáticos alternativos podemos encontrar o Turismo Pedagógico (TP) como um recurso alternativo e complementar nas Catequeses. Têm influências datadas do século XVII⁶, de acordo com os documentos encontrados até o momento. Os *grandtours* aconteceram na Europa e culminavam no fechamento da formação dos *lords* ingleses. (Andrade, 2000; Barretto, 2008; Brito, Da Ros, Perinotto, 2012; Cunha *et al*, 2002; Gomes, Mota & Perinotto, 2012; Panosso Netto, 2009; Prat & Oñate, 1996; Matsuyama, 2009; Ruschmann, 2002; Sáez *et al*, 2006; Salgueiro, 2002; Santos Filho, 2008; Scremin & Junqueira, 2012; Silva & Silva, 2012).

A aristocracia inglesa (*gentry*): a classe média urbana, burgueses prósperos e emergentes do setor industrial, artistas amadores –, completavam a formação escolar de seus filhos com um *Petit* ou *Grand tour*. A ideia era levar os estudantes a vivenciar *in loco* os conhecimentos adquiridos na escolarização, na cultura, no idioma, também uma oportunidade para aprender coisas novas, para desenvolver habilidades sociais, relacionar-se com os pares e com os professores/tutores. Viajavam pelo mais puro prazer e interesse pela cultura, por aprender um ou mais idiomas, ganhar horizontes geográficos e culturais. (Salgueiro, 2002)

Nossa pesquisa é parte do projeto de tese de doutorado intitulada “*Turismo Pedagógico: una estrategia motivadora para la mejora de la enseñanza/aprendizaje activo a través de las experiencias vividas*”, a ser apresentada na *Universidad de Valladolid* (UVa), na Espanha, na linha de didática e orientação escolar.

Ao nos depararmos com o apelo papal (Papa Francisco, 2013) e o dever pastoral (Igreja Católica, 1998), resolvemos experimentar a pesquisa desenvolvida até o momento (outubro de 2016) e aplicar na Catequese do Crisma (ou Confirmação) de paróquia em bairro periférico na Arquidiocese de Olinda e Recife (AOR).

1. Metodologia

A criatividade é o principal recurso que temos à disposição de nossa responsabilidade enquanto catequista na Paróquia em questão. Há carência de recursos materiais, de suporte humano, de salas de formação, de formação ou mesmo estímulo a elas e de qualquer outro que se possa fazer necessário ao desenvolvimento das atividades de Evangelização com os jovens na preparação para um Sacramento.

⁶ O documento mais antigo encontrado em nossas pesquisas foi uma carta de Sir Robert Clayton a seu tio, datada de 1698, onde comente o porquê não chegou à Sicília, descreve a cidade de Roma com referências sobre Geografia, a população e envia lembranças de seu tutor ao tio. O documento forma parte da base de dados <<http://www.amdigital.co.uk/>>.

Une-se às fraquezas internas, as ameaças externas. O ambiente no entorno da Igreja é barulhento, próximo à estação de metrô, empoeirada, com teto aberto e sem forro, com muito movimento de motorizados, carros de som e vizinhança com grande animação para festas privadas no espaço público, com um repertório vasto e pouco variado de músicas em decibéis elevados. Tudo para retirar a atenção do que interessa aos catequisandos: formação para a Confirmação ou não de sua fé cristã católica. Ainda com todas estas dificuldades os jovens se esforçam para compreender nossas construções de ideias e formação evangelizadora. E são gratos.

Experimentamos nossa proposta de uma nova dinâmica evangelizadora. Levamos-lhes ao Instituto Ricardo Brennand (IRB). Conseguimos as entradas francas com o próprio IRB, o transporte com duas paroquianas e fomos na expectativa de:

- a) desenvolver um olhar para adorar a obra de Deus fora da Igreja;
- b) educar o olhar para as artes (Buoro, 2002) e nelas louvar a Deus;
- c) fazê-los perceber que não existem duas vidas – uma na Igreja e outra civil, a vida deve estar a serviço de Deus, seguindo os caminhos de Jesus Cristo por mais impossível que possa parecer⁷;
- d) educá-los para o hábito de aprender com prazer. (Andrade, 2000; Das Oliveiras, 2016)

Fizemos observação participativa e entrevistas não estruturadas (Rosa & Arnoldi, 2008) com os catequisandos para perceber o impacto da experiência da saída do lugar comum pode causar no crescimento deles. Nossa pesquisa se encaixa na perspectiva qualitativa.

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 27), “*observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso*”. Para esses autores, a observação é vital para o estudo da realidade e de suas leis. Sem ela, o estudo seria reduzido a “[...] *à simples conjectura e simples adivinhação*”. E Maxwell Ferreira (2011) entende que entrevista não estruturada não possui um conjunto especificado de questões e nem as questões são perguntadas numa ordem específica. O entrevistador possui grande liberdade de ação e pode incursionar por vários assuntos.

O TP se relaciona, perfeitamente, o prazer com o âmbito da Educação Formal. (Eissman, 2007; Morais & Maia, 2005). O formal não é oposto ao divertido e ao lúdico,

⁷ Para além de Jesus Cristo, nosso maior modelo, temos os santos e mártires da Igreja Católica e alguns da Igreja Ortodoxa para nos comprovar que é possível.

reforça-nos Prat & Oñate (1996). O que queremos diferenciar-nos e superar é da e a Educação Bancária (Freire, 1997).

2. Edificar-Se E Distrair-Se⁸

Para muitos é apenas um passeio, não há aula. É comum relatos de jovens, naturalmente, exagerando no experimento do desconhecido, enquanto apreciavam certa liberdade a considerar às pressões das famílias tradicionais e todo o peso das expectativas que fazem diante de si. E por isto há alguns críticos contrários às saídas, ao TP, assim como haviam contra os *grand tours*: oras, esses jovens dedicavam-se à esbornia e não faziam jus aos investimentos. Mas será que o simples fato de sair de seu entorno⁹ controlado e protegido já não causariam aprendizagens? Será que apenas aprendemos sentados em cadeiras devorando a Bíblia Sagrada, o Catecismo da Igreja Católica e os livros de orações? Precisamos estar sérios, com caras fechadas para demonstrar e garantir conhecimento?

Seguindo a tradição estabelecida pelos jovens britânicos viajavam rumo à Itália a fim de completar satisfatoriamente sua educação, viajando com uma certa veneração e um desejo de (re)conhecimento da cultura.

Neste sentido, podemos perceber que houve um estreitamento de laços entre os envolvidos: duas catequistas e nove catequisandos. Houve uma aproximação das catequisandas com as famílias, aumento da confiança nesta relação, melhora na autoestima dos jovens e de valorização dos encontros. Houve um grande encantamento da experiência no IRB: ver um castelo, conhecer obras dantes vistas apenas pela televisão (*gobelins*, castelo) ou livros didáticos (globo terrestre com monstros desenhados, cavalaria medieval, altares barrocos).

Considerações finais

Acreditamos que entenderam as maravilhas da Criação de Deus na Natureza e através das artes. E perseveraram na confiança de aperfeiçoar a fé que carregam como dom de Deus. Que o TP pode proporcionar uma vivência de aprendizagem e contemplação impossível às quatro paredes.

⁸ SALGUEIRO, 2002, p. 291.

⁹ Cf. GOULART, B. **Centro SP**: uma sala de aula – Experiência modelo de aplicação do conceito de bairro-escola em São Paulo. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2008.

Para o próximo ano, pretendemos aperfeiçoar esta prática e pesquisa, unindo-se às Oficinas de Oração (TOV¹⁰) mais especificamente com as modalidades “Oração de contemplação” e “Orar com a natureza”. (Larrañaga, 1984, p.144-146) E fazer grupos focais com os catequisando para extrair mais elementos da experiência e relação dela com o aprendizado e a evangelização.

O TP é um recurso que poderá ser amplamente utilizado na percepção dos cuidados da Casa Comum, da Criação de Deus, da missão evangelizadora – própria do Cristão. Pode-se ser feita desde a um lugar distante como do bairro onde se reside desde que haja uma “reconversão do olhar”. (Spíndola da Hora & Cavalcanti, 2003)

Vimos com o Grand Tour uma “receita” para a utilização do TP na função de educação formal. Sua importância é reconhecida até hoje. O TP está atado ao prazer, à capacidade formativa de estudantes de todas as idades e modalidades, desenvolvimento integral da pessoa com favorecimento a uma experiência significativa e prazenteira. Podendo conectar a matriz curricular às saídas, aos temas transversais, educação patrimonial, educação ambiental e especialmente à formação cidadã. (Das Oliveiras, 2016)

Sem embargo, é necessário a formação do olhar dos discentes, que necessitam de uma preparação prévia sobre o que buscar, o que prestar mais atenção. Que possa permitir-se turista em sua própria cidade, ao deleite e a valorização do patrimônio material e imaterial local. Entendemos aqui patrimônio como o legado, a herança deixada que é de valor e identitário, que todo grupo social possui e manifesta por meio de bens patrimoniais e culturais. Quanto existe de monumentos, hoje ainda preservados e demonstrando muita riqueza e importância, que foi erguido por pura vaidade de algum rei, ou de algum outro tirano? Fazendo exercícios para sair do fantástico e chegar ao real, mantendo uma postura de visitante crítico, dialeticamente relacionando-se com o contexto e o ambiente. O corpo docente ao pensar em vivenciar com seu alunado o TP deve ter em mente, como parte da receita, atividades que preparem a conversão e reconversão da mirada dos estudantes ou, inclusive, a sua mesma.

Referências

- ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2000.
 BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 2008.

¹⁰*Talleres de Oración y Vida: una nueva evangelización*, desenvolvido pelo Frei Ignacio Larrañaga. Criados para os cristãos ampliarem suas formas de orar, apresentando uma Pedagogia com a Meia Hora Sagrada e 15 modalidades de orações.

- BRITO, A. S.; DA ROS, J. P.; PERINOTTO, A. R. C. Turismo Pedagógico como prática educativa no Ensino Superior: o caso do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI (Parnaíba/Brasil). **TURyDES** (Málaga), 5 (13), 2012.
- BUORO, A.B. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC / FAPESP / CORTEZ, 2002. 252p.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: PrenticeHall, 2002.
- CUNHA, M. C. S. *et al.* A. Turismo Educacional: Que viagem é essa?. **Revista Eletrônica Unibero de Produção Científica**, 2002. Recuperado de <<http://www.unibero.edu.br>>
- GOMES, D. S.; MOTA, K. M.; PERINOTTO, A. R. C. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo E Sociedade**, 5(1). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.
- IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. Vaticano: LibreriaEditrice Vaticana, 1998. Recuperado de <<http://animacaojrc.com.br/paginas/downloads/projetoalicerce/02-Organizacao/01-Documents/Catecismo-Igreja-Catolica.pdf>>. Acessado em 22 nov. 2016.
- _____. **Documentos da CNBB: Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. São Paulo: Edições Paulinas, 2000. Disponível < <http://arquiocese.com.puc-rio.br/media/missaoeministeriosdoscristaos.pdf>>
- DAS OLIVEIRAS, J. G. Aula prazerosa viajando: aprender com prazer. **Revista eletrônica Escrita Pulsante**, maio/2016. Recuperado de < <https://revistaescritapulsante.com.br/2016/05/25/aula-prazerosa-viajando-aprender-com-prazer/>>. Acessado em 21 nov. 16.
- EISSMANN, F. **Turismo Pedagógico – a consolidação e ampliação de olhares**. (Trabalho de Conclusão de curso). Novo Hamburgo (RS, Brasil): Centro Universitário, 2007.
- LARRAÑAGA, I. **Encontro: manual de Oração**. Viçosa: Folha Artes Gráficas Ltda., 1984.
- MATSUYAMA, A. T. **Proposta de turismo pedagógico na comunidade de Yuba: valorização da cultura imigrante**. Rosana (SP, Brasil): UNESP, 2009.
- MORAIS, J. P. & MAIA, J. S. da S. A prática do turismo pedagógico: um estudo de caso na creche E.M.E.I. Mário Andrade de Ourinhos. **Revista Global Tourism**. [online], 2, 15, Novembro, 2005. Disponível em <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/pdf/A%20PRATICA%20DO%20TURISMO%20PEDAG%20GICO.pdf>>. Acessado em 2008, 26 de novembro.
- OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.
- PANOSSO NETTO, A. What is Tourism?: definitions, theoretical phases and principles. In TRIBE, J. (Ed.). **Philosophical issues in tourism**. Bristol: Channel View Publications, 2009.
- PAPA FRANCISCO. **Evangelii gaudium**. São Paulo: Paulus Editora, 2013.
- ROSA, M. V. F. P. C., & ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: Mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PRAT, A. G. & OÑATE, C. M. La dimensión educativa del Turismo. **Revista de Ciencias de la Educación**, 165 (1), 97-110, 1996.
- RUSCHMANN, D. M. **Turismo no Brasil: análise e tendências**. Barueri: Manole, 2002.
- SÁEZ, C. A., MARTÍN, U. P. & PULIDO, F. J. I. (Coords.). **Estructura económica del turismo**. Madrid: Síntesis, 2006.
- SALGUEIRO, V. *Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. **Revista Brasileira de História**, 22 (44), pp. 289-310, 2002.
- SANTOS FILHO, J. dos. As relações de produção na Inglaterra criaram Thomas Cook – Parte II. **Revista Espaço Acadêmico**, 88 (8), pp. 1-8, 2008. Recuperado de <http://www.espacoacademico.com.br/088/88jsf.htm>.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo**, v.1, n.1, jan/dez, 2012. Curitiba (PR, Brasil): Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Recuperado de < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/turismo?dd1=7031&dd99=view&dd98=pb>>.

Acessado em 26 jun. 2014.

SCREMIN, J.; JUNQUEIRA, S. Aprendizado diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo**, v.1, n.1, jan/dez 2012. Curitiba (PR, Brasil): Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Recuperado de < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/turismo?dd1=7031&dd99=view&dd98=pb>>.

Acessado em 26 jun. 2014.

SILVA, J. S. R. Da& SILVA, S. G. da. A comercialização no mercado de produtos turísticos: um estudo de caso na Costa Leste-MS. **Revista Conexão Eletrônica**, 9, 271-280, 2012.

SPÍNOLA DA HORA, A. S; CAVALCANTI, K. B. Turismo Pedagógico: conversão e reconversão do olhar. *In*: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

Adoração Emergente: Uma Análise à Luz da Teologia Reformada

*Fúlvio Anderson Pereira Leite*¹¹

Resumo

O presente artigo não têm a pretensão de analisar o Movimento Emergente de igrejas como um todo. Devido a suas múltiplas facetas e complexidade, se faz necessário afunilar a discussão. O nosso objetivo é abordar uma parte desse dinâmico Movimento especificando o tema da Adoração. Nessa apresentação, serão observados seus principais pressupostos, características e desdobramentos. Será estabelecida uma visão crítica desse Movimento que contrasta com a proposta da Teologia Reformada naquilo que diz respeito à adoração.

Palavras-Chave: Adoração; Movimento Emergente; Teologia Reformada; Contextualização.

Introdução

Adoração é um tema central nas Escrituras. Desde os momentos iniciais da história humana, Deus tem ordenado que o homem O adore. Ela é percebida no Éden por meio do “*mandato espiritual*” (Gn 2:15-17), que foi legitimado posteriormente no “*Decálogo*” (Ex 20:1-19). O Breve Catecismo de Westminster, observando corretamente esse princípio, inicia sua exposição da doutrina bíblica indagando: “*Qual o fim principal do homem?*” Sua resposta é sublime: “Glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”. Em outras palavras, Deus criou o homem para que este o adorasse.

Tomando por base esse princípio, a questão a ser respondida é: que tipo de adoração Deus requer que o homem lhe ofereça? A resposta é dada nas palavras de Jesus em João 4:23, quando Ele indica que a adoração deve ser prestada em “*verdade*”, uma clara alusão às Escrituras. Isto posto, Jesus mostra que a adoração a Deus deve ser dirigida e orientada pelas Escrituras Sagradas, e não por qualquer parâmetro oriundo do mero pensamento humano.

Diante de tantas formas de “adoração” propostas pelos mais diversos grupos evangélicos em nossos dias, tal como o movimento chamado “*Adoração Emergente*”, como as igrejas de tradição reformada, seus pastores e membros devem se posicionar? A fim de oferecer uma resposta a este “*movimento*”, far-se-á uma exposição de suas características, Pressupostos e, em seguida, uma Réplica à luz das Escrituras Sagradas e da Teologia Reformada.

¹¹Pastor da Igreja Presbiteriana da Redenção, Recife-PE. Professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte - SPN. Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Hokemãh. Licenciando em Filosofia pela faculdade Santa Fé. Mestrando em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. E-mail: fulvioleitepr@gmail.com

1. Características do movimento

É muito difícil condensar o “movimento emergente”¹² numa definição, já que as diversas igrejas associadas a ele possuem diferentes ênfases e variadas maneiras de expressão¹³. Talvez seja possível um conceito genérico nos seguintes termos: Igrejas emergentes são *igrejas pós-modernas, engajadas na busca de formas práticas de funcionamento que sejam aceitáveis e atraentes para a sociedade atual*.

Apesar de não haver um padrão de “igreja emergente”, todas elas, de uma forma ou de outra, acabam se entendendo por sua ligação com a cultura pós-moderna.¹⁴ Eles veem nesta cultura uma oportunidade de fazer com que o Evangelho faça novamente sentido à sociedade. Para os adeptos da igreja emergente, a forma de ser da igreja evangélica tradicional das últimas décadas do século XX é cativa dos conceitos de absolutismo da era moderna.¹⁵ Portanto, o movimento emergente veio trazer a liberdade necessária a um “cristianismo relevante a seu tempo”. E é por isso também que este movimento é bastante avesso ao absolutismo ou qualquer conceito de verdade absoluta.¹⁶

“É um movimento essencialmente caracterizado pelo relativismo¹⁷ e pelo pluralismo filosófico”, como também pela ênfase nas “experiências da adoração multissensorial” dos seus membros.

As reuniões de adoração emergente são promovidas por meios das artes, do uso da tecnologia, de novos estilos musicais e de uma estética do ambiente diferente das igrejas

¹²O Movimento da Igreja Emergente começou como uma tentativa de ser “relevante” para a cultura pós-moderna. O termo “relevante” é muito utilizado na literatura emergente. O Movimento busca modificar a igreja para adaptá-la à sociedade atual, sendo uma oposição às raízes do cristianismo. A ideia de “emergente” se relaciona com o surgimento de uma igreja destinada a uma geração de pessoas com pouquíssimo apego à igreja. Ou seja, uma igreja para quem não tem interesse em igreja; uma religião para quem não tem interesse em religião. É uma igreja “adaptada ao usuário” ou “orientada para o consumidor”. Os emergentes são tolerantes com todos, menos com os conservadores contra os quais fazem duras críticas. (FREITAS, Marcus Vinicius de. **A Igreja emergente**. Disponível em: <http://www.eppiba.org.br/2016/03/15/a-igreja-emergente-2/>. Acessado em agosto de 2016).

¹³ GRACONATO, Marcos. **Igrejas Emergentes**. Disponível em: http://igrejaredencao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=421:igrejas-emergentes-parte&catid=25:artigos&Itemid=123#.V7RhWU Hrg. Acessado em 10 de agosto de 2016.

¹⁴ MEISTER, Mauro. Igreja Emergente, A Igreja do Pós-Modernismo? Uma Avaliação Provisória. **Fides Reformata**. São Paulo: v.11, n. 1. 2006, p.103.

¹⁵ MEISTER, 2006, p. 103.

¹⁶ MEISTER, 2006, p. 103.

¹⁷ RELATIVISMO. Dizer que a verdade é relativa é alegar que varia com o tempo, o lugar ou de uma pessoa para outra e que depende das condições de mudança que isso possa trazer; que não há, enfim, verdade alguma universal, válida para todos os povos em todos os tempos e lugares. Essa alegação é repetida por toda a história. Protágoras, o sofista grego, asseverava que o homem é a medida de todas as coisas. (Novo dicionário de teologia / Sinclair B. Ferguson, David F. Wright. —São Paulo: Hagnos, 2009).

modernas (uma igreja teologicamente conservadora). Os teólogos do movimento emergente afirmam que a adoração envolve mais do que apenas a audição.¹⁸

Para o movimento emergente, a Bíblia não é considerada parâmetro ou autoridade de fé e prática. Assim dizem seus teólogos:

Não se deve procurar o sentido que o autor pretendia para seus leitores, nem os princípios intrínsecos ou extrínsecos, mas sim procurar o sentido que se percebe nela hoje quando interpretada dentro da prática da sociedade pós-moderna. A teologia não é bem vista. A doutrina não é importante e até desnecessária, pois é considerada causa de divisão da igreja.¹⁹

2. Seus pressupostos

2.1. Não crentes também podem adorar a Deus

Dan Kimball é considerado por muitos como o grande nome desse movimento, pois compartilha dessa premissa. Em seu *best-seller* “A Igreja Emergente: Cristianismo Clássico Para as Novas Gerações”, ele afirma:

Uma questão que já foi muito debatida com o surgimento da igreja de estilo sensível-ao-interessado é se o culto é para crentes ou para não-crentes... Já ouvi alguém dizer que uma reunião de adoração não é lugar para quem não é crente, pois não se pode adorar um Deus que não se conhece. Eu discordo desse pensamento. Por quê? Por uma única razão: vemos não-crentes comparecendo às reuniões de adoração na igreja primitiva²⁰.

Ao que parece, Kimball confunde estar presente no culto com o propósito do culto. A questão em cheque é: para quem é o culto? Ou ainda: qual o seu objetivo? Se seguirmos a orientação de Jesus em Jo 4:23-24, temos de reconhecer que o culto tem como alvo a adoração a Deus, feita por aqueles que Ele procura: “os verdadeiros adoradores”.

Kimball não para por aí. Para dar sustentação a sua tese, segundo a qual os não crentes devem participar do culto, ele cita o texto de 1Co 14:24-25. Segundo Kimball, Paulo explica nesse texto que os crentes deveriam expor aos não crentes sua teologia e seus costumes. O teólogo reformado Simon Kistemaker, comentando esse texto, escreveu:

Os cultos devem ser abertos ao público, pois Jesus mesmo disse que ele sempre ensinava abertamente a todos e nada dizia em secreto (Jo 18.20). A pregação da Palavra no vernáculo é também para cada descrente ou novato

¹⁸ KIMBALL, Dan. **A Igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

¹⁹ DALLA, Leandro. **O Movimento da igreja emergente**. Disponível em: <http://musicaeadoracao.com.br/58408/movimento-da-igreja-emergente/>. Acessado em agosto de 2016.

²⁰ KIMBALL, 2008, p.144-145.

que deseja assistir. Nesse versículo, os dois termos, *descrente* e *novato*, se referem à mesma pessoa (v. 23)²¹.

Ainda que o não crente compareça ao culto, fica claro que ele jamais poderá prestar adoração a Deus, uma vez que se encontra em estado de ignorância. E conforme o Antigo e Novo Testamento, um dos requisitos para a adoração a Deus é o entendimento (Sl.100.3; Jo 4:22-23; Rm 12:1-2). Sem que haja o entendimento de quem Deus é, e do que Ele deseja na prática da adoração, jamais poderemos adorá-Lo. O salmo 100.3 nos responde como propriedade. “Sabei que o SENHOR é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio”. O verbo *saber* no salmo (Sabei) é igual a discernir, distinguir e saber por experiência. “Conhecer” a Deus (v. 3) equivale a confessá-lo, reconhecendo publicamente que ele é o único Deus. É impossível adorar a Deus sem ter o conhecimento de quem Ele é. Portanto, não-crentes não participam ativamente na adoração a Deus prestada no culto.

2.2. Contextualização

Rick Warren²² afirma que “nenhuma igreja é capaz de alcançar a todos. Precisamos de todos os tipos de igreja para alcançar todos os tipos de pessoas”²³. A Igreja Emergente tem o objetivo de alcançar todas as pessoas. Não há restrições para nenhuma classe social. Sua teologia compreende que todo cristão deve ser missional, cumprindo seu papel de evangelizar e de propagar liberdade, não podendo, para tal, haver distinção de pessoas nem de classes.

Esse é um conceito chave para os partidários da “*Adoração Emergente*”. Vivemos em uma nova geração, e tal avanço histórico requer adequações. Os Emergentes estão convencidos de que o modelo de igreja *comum* está ultrapassado e não consegue atender as demandas do pós-modernismo²⁴.

O *Movimento Emergente* defende que a sociedade pós-moderna demanda dos pastores e líderes uma revisão missiológica, reelaborando estratégias e contextualizando sua mensagem para que esta possa ser plenamente entendida pela geração emergente.²⁵

²¹ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento**: exposição da primeira epístola aos Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p.696

²² Autor dos best-sellers *Uma Igreja com Propósito* e *Uma vida com Propósito*. Ambos já traduzidos para o português.

²³ KIMBALL, Dan. A igreja emergente. In: WARREN, Rick. **Uma igreja com propósito**. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.147.

²⁴ AYRES, Jonas. **A igreja no horizonte pós-moderno**. São José dos Pinhais: NAPEC, 2011, p.14.

²⁵ KIMBALL, 2003, p.xxx.

Ligon Duncan, no seu artigo *Traditional Evangelical Worship*, diz:

Houve um tempo quando os cultos das igrejas Batista, Congregacional, Presbiteriano, Episcopal, Metodista e Anabatistas pareciam muito iguais e foram em grande parte com base no mesmo conjunto de convicções bíblicas relativos à forma e substância do culto público cristãos.²⁶

Hoje, é provável que alguém que visita várias igrejas experimente vários “estilos” de adoração (um conceito que é inteiramente estranho ao pensamento do Novo Testamento).²⁷ É possível até experimentar, mesmo dentro da mesma denominação, uma grande variedade de práticas de culto. Há muitas razões para isso, mas é provável que a principal seja a falta de consenso entre os evangélicos sobre o que constitui o culto público, e se a Bíblia fornece instruções universalmente aplicáveis, claras e específicas sobre o que se deve fazer no Dia do Senhor (Dia da Adoração).²⁸

Dan Kimball discorda de Duncan quanto à forma da adoração pública, principalmente a respeito da ‘*estética da adoração*’ tradicional, sobretudo à música.

Para Duncan, a cultura não pode ditar as práticas da adoração cristã. Não podemos ter “estilos” já definidos. Já Kimball argumenta que:

Vê-se facilmente estilos específicos para vestuários religiosos dos líderes judeus, a atenção para a arquitetura em sinagogas judaicas, e um mundo greco-romano que era apaixonado pelas artes. As culturas judaicas, gregas e romanas todas exibiram ‘estilos’.²⁹

Kimball afirma que a igreja do Novo Testamento viveu em um período de tempo, localização geográfica e momento cultural específicos. Eles, portanto, simplesmente refletiam seu contexto histórico.

A música para os primeiros cristãos judeus foi provavelmente um estilo musical adotado a partir das sinagogas. Logo, eles tiveram um “estilo” na música, como também uma forma de cumprimentar um ao outro na sua língua, além de palavras e expressões. No entanto, isso se deu simplesmente pela influência que recebiam do contexto em que viveram.

A crítica de Kimball a Duncan está na forma ‘tradicional’ de como devemos nos reunir para a adoração. Ele pede que Duncan permaneça fiel aos moldes da igreja do NT, que seja fiel à tradição e que os participantes da igreja de Duncan saúdem uns aos outros com o beijo sagrado. Além disso, questiona porque usam bancos de madeira, já que na igreja primitiva eles se sentavam em pedras.

²⁶ DUNCAN, Ligon. *Traditional Evangelical Worship*. In: **Perspectives on Christian Worship: five views**. Nashville: B&H Publishers, 2009, p. 99. (tradução nossa).

²⁷ DUNCAN, 2009, p. 99.

²⁸ DUNCAN, 2009, p. 99.

²⁹ DUNCAN, 2009, p. 124.

A segunda crítica de Kimball, quando Duncan diz que devemos ser "evangélicos tradicionais", reside no seguinte questionamento: para qual "tradição" devemos ser fiéis? À tradição Reformada de 1500?

Diz Kimball:

Então, eu esperaria que Duncan estivesse com vestes tradicionais dos anos 1500, ter o cabelo ou barba semelhante a Lutero ou Calvino, como foram as menções tradicionais desse lugar e tempo específico.³⁰

Kimball conclui: “A preocupação que devemos ter é quando o ‘estilo’ torna-se mais importante do que a doutrina ou teologia”.

3. Adoração emergente

Os líderes do movimento emergente afirmam que “não há somente uma forma de adoração”. Todas as pessoas, de todos os estilos, podem adorar a Deus, e o culto emergente tem este objetivo: fazer com que “as pessoas se sintam parte do lugar de adoração ao Senhor”.³¹ A Igreja pode ter cultos com características para góticos, para roqueiros, para os que gostam de rap etc. Basta apenas que os pastores compreendam que um culto de adoração deve alcançar essas pessoas, quando elas fazem parte de sua comunidade.

Nas igrejas emergentes, é possível haver um culto inteiro sem um momento de pregação das Escrituras, já que, para eles, o sermão é apenas um componente da reunião de adoração. Logo, a mensagem da Bíblia pode ser passada de diferentes formas: “através de uma mistura de palavras, artes visuais, silêncio e testemunho. O pregador é apenas um motivador que incentiva a todos a buscarem o aprendizado da Palavra, ao longo da semana”.³² Andando na mesma estrada de Morgenthaler, Kimball argumenta que Deus nos criou como *seres multissensoriais* e escolheu revelar-se a nós através de nossos sentidos.³³

Kimball faz uma crítica às igrejas modernas. Ele diz: “as Escrituras apresentam uma Palavra multissensorial³⁴ e multidimensional³⁵, mas alguns evangélicos na igreja moderna reduziram Jesus a meras palavras e fatos que devem ser aprendidos.”³⁶ Um exemplo de

³⁰ DUNCAN, 2009, p. 124.

³¹ SOUZA, Gustavo Castro de. **O culto na igreja emergente segundo Dan Kimball**. Monografia. Belo Horizonte. 2010.

³² BASDEN, Paul. **Adoração ou show**. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 234.

³³ KIMBALL, 2003, p.156-158.

³⁴ Multissensorial: (1) Que envolve vários sentidos (ex.: *estimulação multissensorial*).

³⁵ Multidimensional: (1) que possui mais de três dimensões (diz-se de espaço); (2) *fig.* com capacidade de abranger, tratar dos múltiplos aspectos de (algo).

³⁶ KIMBALL, 2003, p. 156.

adoração multissensorial proposto pelos líderes do movimento emergente é relatado numa reunião de adoração na Grace, em Londres, Inglaterra. Essa reunião particular concentrou-se na pintura de *Rembrandt*, “A volta do filho pródigo”, e se baseou no livro de Henri Nouwen sobre a pintura.³⁷

Os pastores das igrejas emergentes são orientados a usar em suas reuniões de adoração a tecnologia e as artes como ponte para aproximar (sensibilizar) o homem pós-moderno à fé (espiritualidade). Nas reuniões de adoração emergente, o uso dos *slides* de *PowerPoints*, fotografias, imagens de vitrais, vídeos contendo letras de cânticos de adoração e pequenos textos das Escrituras, além de objetos tais como velas e castiçais, estão presentes para tornar o ambiente mais agradável e sensorial³⁸ aos membros dessas igrejas.

O cuidado com a decoração do ambiente de culto também recebe ênfase e deve refletir quem você está tentando alcançar em sua comunidade³⁹. Tudo isso com objetivo de promover uma “experiência de adoração” na qual as pessoas possam encontrar Deus de forma poderosa e memorável.

A adoração da Igreja Emergente inclui elementos carismáticos. A liturgia tende a substituir hinos e corinhos por música de “louvor” e “adoração” no estilo pop. Substituem o órgão e o piano convencional por teclados eletrônicos, baterias e contrabaixos, utilizando também “ordens culturais”, tais como “coloque-se de pé ... levante as mãos ... diga ao Senhor ‘eu te amo’ ... cante mais alto ... feche seus olhos”. Um dos líderes deste Movimento Emergente nos EUA afirmou que “queremos oferecer às pessoas um local onde elas possam se sentir parte antes mesmo de acreditar.” E se elas se sentirem confortáveis e acolhidas sem a necessidade de acreditarem e seguirem doutrinas, ou seguirem o mínimo necessário, para eles é ainda melhor.⁴⁰

4. Uma resposta à luz da teologia reformada

Embora a Teologia Reformada tenha várias expressões, para o propósito buscado neste artigo, será tomada à guisa de orientação a Confissão de Fé de Westminster. No Cap. XXI, seção I, podemos ler:

A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo; que é bom e faz bem todas a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo coração, de toda a alma e de toda a força; mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não

³⁷ KIMBALL, 2003, p. 166.

³⁸ Concebemos o termo "Sensorial" como: Sensível, percebido através dos sentidos; palpável: fenômenos sensoriais. Referente ao processo por meio do qual um estímulo, interno ou externo, causa uma reação (física ou emocional): sistema sensorial.

³⁹ KIMBALL, 2003, p. 172.

⁴⁰ DALLA, 2016.

deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras.

Conforme a Confissão, as razões pelas quais devemos adorar a Deus se revelam em Seu excelso Ser e em Seus atributos. Elas também apontam que nossos corações, por serem corrompidos, são cheios de “imaginações e invenções”, o que desqualifica toda e qualquer motivação naquilo que concerne ao culto. A Confissão encerra a referida seção apontando para as Escrituras como o parâmetro da adoração (culto) que deve ser prestada a Deus.

A mesma ênfase da CFW sobre como Deus deve ser adorado é corroborada pelo Catecismo Maior de Westminster⁴¹, na pergunta 109. *Quais são os pecados proibidos no segundo mandamento?*

R. Os pecados proibidos no segundo mandamento são: inventar, aconselhar, ordenar, usar e aprovar de algum modo qualquer culto religioso não instituído pelo próprio Deus; tolerar uma religião falsa.

A pergunta 109 do Catecismo Maior é dividida em três partes. Na terceira⁴², ele pergunta: *Quais são os pecados proibidos no segundo mandamento?* A resposta é:

Os pecados proibidos no segundo mandamento são: (...) fazer qualquer representação de falsos deuses e todo culto a eles ou serviços que lhes pertençam; toda invenção supersticiosa que corrompa o culto a Deus, acrescentando-lhe ou subtraindo-lhe alguma coisa, sejam elas inventados ou saídos de nós mesmos ou recebidos pela tradição de outros - mesmo que sob o título de antiguidade, costume, devoção, boa intenção, ou qualquer outro pretexto; a simonia; o sacrilégio; toda negligência, desprezo, impedimento e oposição ao culto e às ordenanças que Deus instituiu.

Essas são as premissas para a adoração Reformada. A Bíblia regulamenta e guia a adoração que agrada a Deus.

O Reformador Francês de segunda geração João Calvino, em sua obra *Institutas da Religião Cristã* e nos seus comentários, diz que “o culto que devemos prestar a Deus é lugar de conhecimento de Deus”⁴³. Seu curso deve gerar este conhecimento. Para isso, seus princípios são extraídos da Escritura. Este fato é comprovado pela seguinte declaração:

Ainda que cite muitos textos do Novo Testamento, da Lei, e dos Profetas, nos quais se faz expressa e evidente menção a Cristo, sem dificuldade todos eles não pretendem outra coisa senão provar que Deus, o Criador do mundo,

⁴¹ VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2007, p. 339.

⁴² VOS, 2007, p. 339.

⁴³ LOPES, Moura Ricardo. **Calvino e a adoração comunitária**. Disponível em: <http://musicaeadoracao.com.br/20136/calvino-e-a-adoracao-comunitaria/>. Acessado em agosto de 2016.

nos é manifesto na Escritura, e que o que devemos saber dele, para que não andemos dando voltas perdidos buscando outro deus desconhecido.⁴⁴

É próprio do culto manter a centralidade das Escrituras. Em seu comentário ao livro dos Salmos, Calvino fornece outro importante princípio ao declarar:

Devemos ter sempre em mente que, tudo quanto não agrada a Deus, que vise a Seu próprio bem, e somente até onde Ele leva a algum outro fim, se porventura é posto no lugar de seu culto e serviço verdadeiros, é por Ele rejeitado e se desvanece.⁴⁵

É clara a ideia de que o culto deve ser voltado para Deus e agradável a Ele mesmo. Em sua exposição de Romanos, sobre o capítulo 12, verso 1, Calvino traz outro princípio regulador da adoração comunitária, dizendo:

E se Deus só é corretamente adorado pelo prisma de seus mandamentos, então de nada nos valerão todas as demais formas de culto que porventura engendramos, as quais ele com toda razão abomina, visto que põe a obediência acima de qualquer sacrifício. O ser humano deleita-se com suas próprias invenções e (como diz o apóstolo alhures) com suas vãs exibições de sabedoria; mas aprendemos o que o juiz celestial declara em oposição a tudo isso, quando nos fala por boca do apóstolo. Ao denominar o culto que Deus ordena de racional, ele repudia tudo quanto contrarie as normas de sua Palavra, como sendo mero esforço insensato, insípido e inconsequente.⁴⁶

Deus não quer que os homens lhe ofereçam qualquer coisa. Tão pouco quer que os homens decidam o que lhe dar. Deus não se agrada de tudo o que fazemos em seu nome. Calvino entendia que o próprio Deus é quem dita por sua Palavra o que deve ser entregue tanto no culto solene (adoração comunitária) como no culto diário do cristão em sua vida íntegra.

Conclusão

Levando em conta o que foi observado sobre as características e pressupostos da adoração emergente neste presente artigo, fica muito evidente as falhas teológicas e hermenêuticas do movimento emergente. Nota-se também um certo desprezo pelo princípio das Escrituras como a única fonte de autoridade para a vida cristã e para o culto a Deus. No entanto, não se pode fazer injustiças com o movimento emergente, que deseja ansiosamente criar pontos de contatos com o homem pós-moderno para comunicar Deus. Os seus teólogos

⁴⁴ CALVINO, João. **A Instituição da religião cristã**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 68.

⁴⁵ CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. São Paulo: Editora Paracletos, 1999, v. 2, p. 435.

⁴⁶ CALVINO, João. **Exposição de Romanos**. São Paulo: Editora Paracletos, 1997, p. 226-227.

emergentes não negam a Bíblia. A sua mensagem não está ausente nas reuniões de adoração. Ela, porém, não assume um papel principal de regra de fé e prática. Figura apenas como protagonista dentro do engenhoso modelo tecnológico e artístico da adoração emergente.

Não é certo afirmar que o movimento emergente seja algo totalmente negativo e completamente desprovido de aspectos, de algum modo, positivos. Não é esta a intenção desse texto. Todavia, é preciso pensar um pouco acerca do que os emergentes têm proposto e do que se deve ou não aproveitar.⁴⁷

Deve ser considerado positivo o pensamento da igreja emergente em buscar uma linguagem que alcance o homem da pós-modernidade. Por si só, tal concepção é extremamente válida.

Dr. Augustus Nicodemus, em sua visita a igreja *Mars Hill Church*, fez algumas observações sobre o ministério do Mark Driscoll, deixa uma reflexão no final de seu artigo:

Nós, os Reformados no Brasil, precisamos encontrar uma maneira de ser reformados que seja mais eficaz e relevante para nossa própria cultura, sem comprometer princípios bíblicos. Precisamos refletir seriamente sobre o quanto na tradição reformada é inegociável por ser bíblico, e o quanto pode ser alterado e mudado por representar apenas a maneira reformada ser de nosso país e avós séculos passados.⁴⁸

Referências

- AYRES, Jonas. **A igreja no horizonte pós-moderno**. São José dos Pinhais: NAPEC, 2011, p.14.
- BASDEN, Paul. **Adoração ou show**. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 234.
- CALVINO, João. **A Instituição da religião cristã**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 68.
- CALVINO, João. **Exposição de Romanos**. São Paulo: Editora Paracletos, 1997, p. 226-227.
- CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. São Paulo: Editora Paracletos, 1999, v. 2, p. 435.
- DALLA, Leandro. **O Movimento da igreja emergente**. Disponível em: <http://musicaeadoracao.com.br/58408/movimento-da-igreja-emergente/>. Acessado em agosto de 2016.
- DUNCAN, Ligon. Traditional Evangelical Worship. *In: Perspectives on Christian Worship: five views*. Nashville: B&H Publishers, 2009, p. 99. (tradução nossa).
- FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. **A Igreja emergente**. Disponível em: <http://www.eppiba.org.br/2016/03/15/a-igreja-emergente-2/>. Acessado em agosto de 2016).
- GRACONATO, Marcos. **Igrejas emergentes**. Disponível em: http://igrejaredencao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=421:igrejas-emergentes-parte&catid=25:artigos&Itemid=123#.V7RrhWUHrg. Acessado em 10 de agosto

⁴⁷ FREITAS, Marcus Vinicius de. *A igreja emergente*, <http://www.eppiba.org.br/2016/03/15/a-igreja-emergente-2/>. Acessado em agosto de 2016.

⁴⁸ LOPES, Augustus Nicodemus. **Um culto em Mars Hill Church**. Disponível em: <http://temporares.blogspot.com.br/2011/04/um-culto-em-mars-hill-church.html>. Acessado em agosto de 2016.

de 2016.

KIMBALL, Dan. A igreja emergente. *In*: WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.147.

_____. **A Igreja emergente: cristianismo clássico para as novas gerações**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: exposição da primeira epístola aos Coríntios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p.696

LOPES, Augustus Nicodemus. **Um culto em Mars Hill Church**. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/04/um-culto-em-mars-hill-church.html>. Acessado em agosto de 2016.

LOPES, Moura Ricardo. **Calvino e a adoração comunitária**. Disponível em: <http://musicaeadoracao.com.br/20136/calvino-e-a-adoracao-comunitaria/>. Acessado em agosto de 2016.

MEISTER, Mauro. Igreja Emergente, A Igreja do Pós-Modernismo? Uma Avaliação Provisória. **Fides Reformata**. São Paulo: v.11, n. 1. 2006, p.103.

SOUZA, Gustavo Castro de. **O culto na igreja emergente segundo Dan Kimball**. Monografia. Belo Horizonte. 2010.

VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo Maior de Westminster Comentado**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2007, p. 339.

O Puritanismo e o *Sola Scriptura*

*Anderson de Assunção Ferreira*⁴⁹
*Gerson Francisco de Arruda Júnior*⁵⁰

Resumo

O artigo trata do valor dado pelo movimento puritano à palavra de Deus. O seu intuito é o de destacar algumas das principais características da bíblia sagrada reconhecidas, defendidas e pregadas pelo puritanismo. Mostra também a grande ênfase dada pelo movimento ao princípio reformado do *Sola Scriptura*.

Palavras-chave: Pregação; Puritanos; *Sola Scriptura*.

Introdução

O presente artigo trata do valor dado pelos puritanos à bíblia sagrada. Ele começa com uma definição do que foi o movimento puritano, mostrando os principais aspectos desse movimento. Depois, apresenta alguns desdobramentos desse apego às escrituras, nomeadamente aqueles relacionados ao culto e à pregação. Por fim, trata mais diretamente do apreço do puritanismo pelas Escrituras.

1. Quem foram os puritanos?

O puritanismo foi, primeiramente, um movimento religioso. A persistente pergunta de John Bunyan: “como podemos ser salvos?” era, em última análise, a questão mais importante para todo puritano.

O puritanismo se caracterizava também por uma forte consciência moral. Para os puritanos, a questão de certo ou errado era mais importante do que qualquer outra. Eles viam a vida como um contínuo conflito entre o bem e o mal. Richard Sibbes expressou assim essa mentalidade:

Há dois grandes lados no mundo, ao qual todos pertencem: há o lado de Deus e aqueles que são seus, e há o lado que é de Satanás, e aqueles que são seus; dois reinados, dois lados, duas disposições contrárias, que perseguem uma à outra⁵¹.

⁴⁹ Pastor Batista. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Licenciando em filosofia pela FORDOC. Mestrando em estudos teológicos pelo MINTS (Seminário Internacional Miami). Mestrando em filosofia pela UFPE.

⁵⁰ Professor de Teologia (FATIN) e Filosofia (FATIN/UNICAP). Atualmente, está concluindo o seu doutoramento em filosofia pela Universidade de Lisboa.

⁵¹ SIBBES, *apud* RYKEN, Leland. **Santos no mundo:** os puritanos como realmente eram. 2. ed. Trad. de João Bentes. São José dos campos, SP: Editora Fiel, 2003, p. 41.

Contudo, os crentes poderiam, com a ajuda de Deus, alcançar a vitória por meios como vigilância, vida correta e mortificação.

Os puritanos queriam uma reforma na Igreja da Inglaterra; igreja essa que, mesmo após a reforma, possuía muitas coisas semelhantes a igreja romana. Eles queriam uma reforma da liturgia e das cerimônias da igreja. Queriam uma limpeza dos abusos administrativos e da corrupção, eram ativos localmente na pregação e na prática da nova ética e santidade. Podemos, sem sombra de dúvidas, afirmar que o puritanismo foi um movimento que lutava pela pureza.

É difícil precisar quando se iniciou o movimento puritano. Lloyd Jones considera William Tyndale como o primeiro puritano⁵². Mas, claro, isso é apenas uma consideração. O fato é que o puritanismo faz parte do movimento da Reforma protestante na Inglaterra, e nenhuma data específica marca seu início, como também não existe uma data específica para o seu término. Designa-se que o movimento assumiu primeiro a forma de um movimento organizado nos anos de 1560 sob o reino da rainha Elizabete, ao observamos suas características observamos que suas raízes remontam à primeira metade do primeiro século.

Outra características distintivas dos puritanos era o grande apreço pela Escritura e por suas doutrinas fundamentais. Eles tinham a Escritura como a autoridade final para a crença e a prática religiosa. O *Sola Scriptura*, um dos emblemas da reforma protestante, era veementemente defendido por eles. Além disso, defendiam, acirradamente, doutrinas fundamentais de todo o cristianismo com: a Soberania de Deus, a Eleição Incondicional, a Irresistibilidade da graça de Deus, e a Depravação humana.

De um modo mais específico, os puritanos se dedicavam à compreensão e aplicação dos benefícios da graça de Deus em todas as áreas da existência humana. De fato, no coração do puritanismo estava a crença de que a graça de Deus é a fonte de todo benefício humano e que não se pode adquiri-la por mérito humano. Nos comentários de Samuel Willard sobre o dom da salvação, encontramos o seguinte:

Não há outras condições exigidas..., mas aceitação deste dom e reconhecimento da bondade do dispensador. A fé é a mão que o recebe... E o que é a nossa obediência se não nossa gratidão a Deus por tão inefável dom?⁵³

⁵² JONES, Martin Lloyd. **Os puritanos suas origens e seus sucessores**. Trad. de Odayr Olivetti. São Paulo: Editora PES, 1993, p. 249.

⁵³ WILLARD, *apud* RYKEN, 2003, p. 46.

Para os puritanos, a raiz da questão era a regeneração pessoal, ou conversão. Richard Sibbes comenta: “ A apreensão do amor de Cristo ao perdoar os pecados constringe a uma santa veemência na realização de todos os deveres.”⁵⁴

O que fundamentava esse apreço dos puritanos por essas gloriosas doutrinas era conceito do pacto. Para eles, o pacto denotava um relacionamento mútuo de confiança e obrigação. Através dele, os puritanos explicavam o tratamento de Deus para com as pessoas individualmente e era base para instruções da relação entre a família, a igreja e o Estado. Esse conceito de pacto é extremamente importante para a compreensão puritana de culto e, conseqüentemente, para a compreensão da primazia da pregação.

2. A concepção puritana de culto

Uma das principais características do culto para os puritanos é a simplicidade⁵⁵. Na verdade, pode-se dizer que a simplicidade do culto é uma das principais marcas puritanas. Para trazer de volta a simplicidade neo-testamentária para o culto a Deus, os puritanos efetuaram uma série de mudanças em várias áreas da vida prática da igreja:

(1) *o culto puritano restringia a cerimônia e ritual*. O princípio geral que regulava tal convicção era, conforme declarou Richard Greenhem, o de que “Quanto mais cerimônias, menos verdade”⁵⁶. Em termos práticos, isso implica dizer que os puritanos livraram-se dos rituais que permeavam o culto católico e anglicano de sua época, nomeadamente, livraram-se das vestes clericais e dos rituais litúrgicos. e mudaram o calendário católico-anglicano dos dias santos e sagrados, substituindo-os pelo culto dominical.

(2) *os puritanos mudaram o calendário católico-anglicano dos dias santos e sagrados*, substituindo-os pelo culto dominical⁵⁷. Entre eles era comum a admissão de que “Nosso dia de Páscoa, nosso dia da Ascensão, nosso domingo de pentecostes é todo dia do Senhor”⁵⁸.

⁵⁴ SIBBES, *apud* RYKEN, 2003, p. 47.

⁵⁵ Sobre esse tema específico e a concepção reformada de culto, Cf. BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração evangélica**: ou a maneira correta de santificar o nome de Deus em geral. Trad. de Helio Kirchheim. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015; JOHNSON, Terry. **Adoração reformada**: a adoração que é de acordo com as escrituras. Trad. de Josafá Vasconcelos. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001.

⁵⁶ GREENHEN, *apud* RYKEN, 2003, p. 209.

⁵⁷ Uma abrangente exposição da perspectiva puritana sobre o Dia do Senhor, (Cf. PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor**. Trad. de Hope Gordon Silva. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000).

⁵⁸ GREENHEN, *apud* RYKEN, 2003, p. 209.

(3) *Os puritanos também tornaram simples tanto a arquitetura como todos móveis das Igrejas.* Eles retiraram todas as imagens e estátuas das Igrejas; e puseram fim aos altares pedras, tocando-os por mesas onde se ministrava a comunhão. A ideia de um prédio com múltiplas salas, deu lugar a um salão único e retangular. Todas as paredes foram pintadas de branco. Houve mudanças também com relação ao local do púlpito. Na igreja puritana, era comum haver um púlpito alto e central, com uma escada em espiral que ia até ele, uma Bíblia numa almofada numa borda do Púlpito, uma mesa de comunhão abaixo dele.

(4) *os puritanos resgataram o cântico bíblico no culto.* Eles passaram a cantar apenas os Salmos e de forma congregacional. Em muitos lugares, até mesmo os órgãos foram retirados das igrejas.

(5) *os puritanos reduziram o número dos sacramentos.* Os sacramentos foram reduzidos para apenas dois: a ceia do Senhor⁵⁹ e o Batismo.

(6) *os puritanos simplificaram a liturgia do culto*⁶⁰. Os puritanos resgataram o envolvimento de toda congregação no culto e defenderam a finalidade do culto que, segundo Richard Baxter, são “a honra de Deus, a edificação dos crentes, a comunicação aos outros de conhecimento espiritual, santidade e prazer, a o aumento do próprio reino de Deus no mundo”⁶¹.

3. A concepção puritana de pregação

A reforma protestante apoiava uma piedade baseada na Palavra. Começando com a convicção de que a Bíblia era onde uma pessoa encontrava Deus mais diretamente⁶².

A pregação da palavra de Deus era a coisa mais importante no culto puritano, e deve também ser para todos os cristãos em nossos dias. Por isso, é muito difícil escrever em algumas páginas daquilo que era a coisa mais importante para o culto puritano, pois como eles amavam e velavam bastante pela pregação das verdades divinas.

A pregação era tão importante para os puritanos que, mesmo alguém como John Knox, temia e tremia quando falava de pregação. Segundo Douglas Bond, ao ser impelido por um de seus alunos a se tornar um pregador, Knox se sentiu altamente desafiado. Nesse contexto, se

⁵⁹ Sobre a concepção puritana da ceia, (Cf. WATSON, Thomas. **A ceia do Senhor**. Trad. de Valter Graciano Ramos. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015).

⁶⁰ Os passos de uma liturgia puritana do culto estão muito bem delineados no livro de Payne. (Cf. PAYNE, John. **No esplendor da santidade**: redescobrimo a beleza da adoração reformada para o século XXI. Trad. de Valter Graciano Ramos. Recife: CLIRE, 2015).

⁶¹ BAXTER, *apud* RYKEN, 2003, p. 211.

⁶² RYKEN, 2003, p. 214.

afirmou o seguinte acerca dele: “O homem que por vezes levantava sem temor diante de monarcas, desaba em choro e sai correndo do salão”⁶³.

Esse apreço pela pregação fundamenta de certa forma a primazia dada a ela pelos puritanos. Segundo o D. J. MacDonald, “Os puritanos entendiam por 'primazia da pregação' que a pregação era a parte mais importante da vida de um ministro. Quaisquer dons, dotes ou conhecimentos que um ministro possuísse, eram para serem usados para o grande fim de fazer dele um pregador”⁶⁴. Para eles, de fato, o “primeiro título de um ministro de Deus é *mensageiro*. Ele é o mensageiro do Senhor das multidões”⁶⁵.

O que certamente alicerçava essa paixão puritana pela pregação da palavra de Deus era a doutrina do *Sola Scriptura*. Aliá, essa é a base sobre a qual repousa todos os outros princípios da reforma. Sem o *Sola Scriptura* não existe o *Sola Gratia*, o *Sola Fidei*, *Solus Christus*, ou até mesmo o *Soli Deu Gloria*. Tudo o que eles criam, tudo o que eles consideravam como tendo valor brotava desse princípio.

Isso os puritanos aprenderam com os reformadores. À semelhança dos reformadores, os puritanos defendiam essa bandeira. Na verdade, eles não estavam inventando nada, mas só estavam retornando a Escrituras. É através das Escrituras que somos salvos pela graça, por meio da fé em Cristo Jesus, o nosso Senhor e salvador, e tudo isso converge para a glória de Deus somente.

O resultado disso foi o de que os puritanos foram poderosamente usados por Deus. Poucos movimentos na história da Igreja estavam tão centrados na Bíblia como o movimento puritano. Os puritanos entendiam que tudo deveria ser feito para a glória de Deus. Aliás, como diz Jonathan Edwards, “Deus fez tudo para a sua glória”⁶⁶.

Os puritanos entendiam que a Escritura é a autoridade absoluta. Para eles, porém, existem outras autoridades, mas que são secundárias, sujeitas às Escrituras que são, por sua vez, inspiradas. Entre essas autoridades secundárias temos os pais de família como autoridades para seus filhos, os pastores que são autoridades para os membros da sua igreja, os dirigentes civis com os outros cidadãos, etc.

A herança do princípio puritano do *Sola Scriptura* é reverberado em muitos documentos confessionais. Por exemplo, a *Confissão de Fé Batista*, de 1689, diz:

⁶³ BOND, Douglas. **A poderosa fraqueza de John Knox**. São Paulo: Editora Fiel, 2011, p. 27.

⁶⁴ MACDONALD, D. J. **Os Puritanos e o Ministério**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/>. Acesso em 22/11/2016, às 17:30h.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ LAWSON, Steven J. **Firmes resoluções de Jonathan Edwards: um perfil de homens piedosos**. São Paulo: Editora Fiel, 2010, p. 64.

A Sagrada Escritura é a única regra suficiente, certa e infalível de conhecimento para a salvação, de fé e de obediência. A luz da natureza, e as obras da criação e da providência, manifestam a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, de tal modo que os homens ficam inescusáveis; contudo não são suficientes para dar conhecimento de Deus e de sua vontade que é necessário para a salvação.

Por isso, em diversos tempos e por diferentes modos, o Senhor foi servido revelar-se a si mesmo e declarar sua vontade à sua igreja. E para a melhor preservação e propagação da verdade, e o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja, contra a corrupção da carne e a malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazer escrever por completo todo esse conhecimento de Deus e revelação de sua vontade necessários à salvação; o que torna a Escritura indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo.

A Confissão de Fé de Westminster⁶⁷, no capítulo I, seção II, afirma: “Sob o nome de Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Velho e do Novo Testamento, que são os seguintes, todos dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e de prática”.

4. Os Puritanos e as Escrituras

Pontualmente, vejamos o que os puritanos nos ensinam acerca das Escrituras:

(1) *A inspiração das Escrituras*. Para os puritanos, toda a Escritura é inspirada por Deus (2 Tm 3.16). A Escritura não é fruto do pensar humano, mas é, sem sombra de dúvidas, a revelação divina. Ela não foi dada por homens, mas é gerada pelo próprio Deus. Sendo assim, homem algum, nenhuma igreja, ou mesmo concílio tem autoridade para acrescentar coisa alguma à Escritura, ou retirar dela sequer uma palavra. Muitos movimentos surgiram com esse intuito. O liberalismo teológico foi um deles, tentando, ainda hoje, retirar da Bíblia o seu conteúdo infalível. Eles loucamente esforçam-se para dizer que a Bíblia está repleta de erros e contradições e, assim, rejeitam partes dela como incompatíveis com a razão humana. Outro desses movimentos é o misticismo pragmático, que de forma completamente contraditória, afirma crer na Bíblia, porém buscam revelações extras a ela.

Contra isso, os puritanos nos ensinam que “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3.16). Todo versículo, todo capítulo, todo o livro dentro do cânon das Escrituras foram inspirados por Deus. Deus usou homens em diferentes épocas e diferentes lugares para que

⁶⁷ Sobre o modo como a Assembleia de Westminster tratou as Escrituras, (Cf. MCGRAW, Ryan. **Todo o Conselho de Deus**: lógica e claramente deduzido das escrituras. Trad. de Marcelo Smeets. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2014).

seu conselho, ou seja, sua vontade, fosse revelada proposicionalmente e escrita. Deus usou os próprios temperamentos dos autores, suas habilidades linguísticas, suas próprias personalidades, seus vocabulários e suas experiências para escreverem exatamente o que o Senhor queria que eles escrevessem. Toda a Escritura de sua origem e seu conteúdo ao supro divino, ao Espírito de Deus. Os autores humanos foram guiados poderosamente pelo Espírito Santo. Com resultado, o que eles escreveram não só está isento de erro, mas é de valor supremo para o homem. É tudo o que Deus quis que fosse. Constitui a infalível regra de fé e prática para a humanidade.

Não obstante, o Espírito não suprimiu a personalidade humana do autor, mas a elevou ao seu maior nível de atividade (Jo 14.26). E, visto que a individualidade do autor humano não foi destruída, encontramos na Bíblia uma ampla variedade de estilo e linguagem. Em outros termos, a inspiração é orgânica, não mecânica. Deus através de sua providencia guiou a vida desses homens desde seus nascimentos, concedeu-lhes dons específicos, os educou, os fez passar por experiências predeterminadas e os fez lembrar de certos fatos e suas implicações. Logo depois o mesmo Espírito os compeliu a escrever e, em uma conexão orgânica, os conduziu no processo de registro da revelação de Deus, notadamente, conduzindo a mente de cada autor humano, a linguagem, e o estilo mais apropriado para a interpretação das ideias divinas para todo o povo. Sendo assim, a Bíblia é a Palavra de Deus, sendo palavra de Deus ela é a verdade por ser a palavra de um Deus verdadeiro. Toda a Bíblia é verdadeira (Tt 1.12; Hb 6.18; Jo 17.17; Pv 30.5).

(2) *A Autoridade das Escrituras.* Os puritanos ensinaram que a Bíblia é autoridade suprema em todas as questões de fé e conduta. Ela é a nossa única regra de fé e prática. A autoridade da Bíblia não procede de qualquer outra coisa, senão do próprio Deus. Não são os concílios nem as igrejas que conferem autoridade as Escrituras. A autoridade da própria igreja precisa estar debaixo da autoridade da Escritura. Nenhum dogma ou experiência pode ser aceito, senão tiver base na Palavra de Deus. A Bíblia não apenas *contém* a Palavra de Deus, mas ela *é* a própria Palavra de Deus. Sua autoridade não vem de fora, mas de sua própria origem e conteúdo. A Bíblia não tem uma opinião ou uma palavra sobre as questões vitais que aborda, mas é a verdade última, final e absoluta.

A confissão de fé de Westminster, capítulo I, seção IV, nos diz:

A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus.

(3) *A inerrância das Escrituras*. Os puritanos admitiam que na Bíblia não há espaço para erros. Ela é infalível em sua mensagem e inerrante em todo o seu conteúdo. Ela tem saído sem ferimento algum de todos os ataques: tanto tem vencido os intolerantes, como também triunfado sobre a prepotência dos críticos arrogantes. Ela se mantém de pé contra todas as investidas. Como palavra de um Deus que é santíssimo ela é inerrante.

Mais uma vez, recorrendo à Confissão de Fé de Westminster, temos:

Pelo testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço da Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, e eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nossos corações.

(4) *A suficiência das Escrituras*. Como consequência da inspiração, autoridade e inerrância, os puritanos defendiam que a Bíblia é absolutamente suficiente para nos ensinar, exortar e equipar para conhecermos a vontade de Deus e obedecê-la. Buscar outros meios fora da Escritura como profecias, revelações, sonhos e visões está em total desacordo com o ensino da própria Escritura. Não podemos aceitar a autoridade da Bíblia e ao mesmo tempo correremos atrás de outras fontes para conhecermos o que Deus tem para nós.

(5) *As Escrituras são eficientes*. A doutrina da suficiência das escrituras está intimamente ligada a outra doutrina muito defendida pelos puritanos, a saber, a doutrina da eficiência das escrituras. Para eles, as Escrituras não são apenas inerrantes e suficientes, elas são também eficientes. Elas realizam todo o propósito de Deus. Elas não voltam para Deus vazia. Elas são mais preciosas do que o ouro e mais doces do que mel. Elas são úteis para toda a correção, repreensão e ensino. É por meio delas que Deus chama seus eleitos. É por meio delas que Deus santifica seu povo. É por meio delas que Deus consola seus filhos. É por meio delas que Deus fortalece a sua igreja e a equipada para cumprir sua missão.

Conclusão

Concluimos que, assim como os reformadores, os puritanos tinham em mente a ideia de que só a Escritura com sua autoridade divina, sua inerrância e suficiência era o que todo

cristão precisava para conhecer a Deus, se relacionar com Ele, e servi-lo de maneira que Deus fosse glorificado. Por isso, eles davam ênfase à pregação da palavra como meio pelo qual Deus revela seu caráter santo em forma de lei (Ex20.1-17) manifesta seus eleitos (1Co 1.21), santifica o seu povo (Jo17.7), e guia seu povo (Sl 119.105). Sendo assim, devemos, à semelhança desses grandes homens de Deus, tocar a trombeta do *Sola Scriptura*, e fazer com que os crentes de nossos dias possam compreender que a Bíblia é suficiente e, portanto, deve ser a nossa única regra de fé e prática.

Referências

- BOND, Douglas. **A poderosa fraqueza de John Knox**. São Paulo: Editora Fiel, 2011, p. 27.
- BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração evangélica: ou a maneira correta de santificar o nome de Deus em geral**. Trad. de Helio Kirchheim. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015.
- JOHNSON, Terry. **Adoração reformada: a adoração que é de acordo com as escrituras**. Trad. de Josafá Vasconcelos. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001.
- JONES, Martin Lloyd. **Os puritanos suas origens e seus sucessores**. Trad. de Odayr Olivetti. São Paulo: Editora PÊS, 1993, p. 249.
- LAWSON, Steven J. **Firmes resoluções de Jonathan Edwards: um perfil de homens piedosos**. São Paulo: Editora Fiel, 2010, p. 64.
- MACDONALD, D. J. **Os Puritanos e o ministério**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/> . Acesso em 22/11/2016, às 17:30h.
- MCGRAW, Ryan. **Todo o conselho de Deus: lógica e claramente deduzido das escrituras**. Trad. de Marcelo Smeets. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2014.
- PAYNE, John. **No esplendor da santidade: redescobrimo a beleza da adoração reformada para o século XXI**. Trad. de Valter Graciano Ramos. Recife: CLIRE, 2015.
- PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor**. Trad. de Hope Gordon Silva. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000.
- RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**. 2. ed. Trad. de João Bentes. São José dos campos, SP: Editora Fiel, 2003, p. 41.
- WATSON, Thomas. **A ceia do Senhor**. Trad. de Valter Graciano Ramos. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2015.